GABRIEL PEREIRA

NARRATIVAS

PARA

OPERARIOS

Em a roda desandando. — De como o visinho José, official d'alfaiate, matou porco, e comprou machina de costura. — O visinho Marcos. — Historia d'um estucador. — Depois de lêr um telegramma de guerra.

1879

Lallemant Frères, Typ., Lisboa

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

NARRATIVAS PARA OPERARIOS

Digitized by the Internet Archive
in 2019 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/narrativasparaop00pere

GABRIEL PEREIRA

NARRATIVAS

PARA

OPERARIOS

1878

LALLEMANT FRÈRES, TYP., LISBOA

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6 — Rua do Thesouro Velho — 6

A MEU PAE

A MINHA MÃE

Que sempre me tem ensinado
o amplo caminho da dignidade, da benevolencia
e do trabalho

EM A RODA DESANDANDO...

Em a roda desandando...

Mestre José, serralheiro, e mestre Francisco, carpinteiro, passeavam juntos n'aquella boa tarde domingueira; iam satisfeitos, barbeados, de camisa lavada, seus fatos de ver a Deus, reluzentes cadêas de ouro e bellos charutos de vintem. Os negocios corriam bem; jornaes elevados e muito que fazer; ambos estavam acreditados e tinham officiaes bons operarios: seguiam uma vida pautada, economica, methodica.

Conheciam-se de crianças; ás vezes travavam grandes conversas cheias de recordações da aprendizagem laboriosa: o José, dos muitos annos seguidos que levára a puchar a corrente do folle, a cuidar da forja, a limpar e a azeitar o torno, a pintar de tinta de oleo as peças de ferro; e o mestre carpinteiro dos bons

seis annos gastos abanando o fogareiro para derreter o grude, a carregar as ferramentas de casa em casa, a varrer a loja, a ir pelos ferrageiros e droguistas; e a apanhar de vez em quando uns supapos, sarrafadas e um ou outro pontapé rijo do mestre ou dos officiaes. A aprendizagem faz-se quasi sempre assim; bater para ensinar; levar para aprender; a pancada, o martyrio para incentivo; por vezes a contusão grave, a fractura ou a deslocação de um membro, inutilisando para sempre um pobre rapaz fraco, debil, nascente, a tremer continuamente da brutalidade do superior. E que me dizem á palmatoria? não era ella, a celebre menina dos cinco olhos, a inseparavel companheira, e a insignia predilecta do mestre-escola? ella a primeira origem, o fundamento do respeito, impondo-se fatalmente na sua lugubre fórma desengraçada, e pela fama da dôr immediata e do futuro ridiculo? Felizmente, o supplicio da palmatoria desappareceu, creio que desappareceu de todo; não sei se haverá ainda alguma escola onde se desça ao aviltamento do supplicio physico; mas nas officinas reina ainda o tirapé, o sarrafo, a corda, instrumentos que servem só para claramente mostrar a villeza de quem os usa, o seu superlativo de cobardia, porque lhes não basta a superioridade physica, que deveria simplesmente considerar-se ligeiro apoio da auctoridade moral. A pancada desvirtua sempre; e o homem que bate na criança commette uma in

dignidade, um crime. Não só lhe causa a dôr, póde motivar-lhe futuros padecimentos, serios desarranjos no organismo; mais ainda, avilta-se e avilta a victima. Nas crianças o espancamento causa temor, medo; os seus espiritos soffrem ou reagem; soffrendo, amesquinham-se, entorpecem-se; chegam a homens e ficam servís; reagindo, podem chegar á intenção má, á indole perversa; um enorme perigo. Aquelles supplicios, as dôres insupportaveis da infancia sommam-se, e modificam o espirito para o mal; no dia em que no organismo houver consciencia do seu poder rompe a lava do rancor, a sêde da compensação. Ninguem avalia o que póde fazer uma offensa no espirito infantil; não se esvae a recordação: é a chaga de lepra, alastra-se, profunda com o tempo, contamina tudo. Se um ligeiro beneficio, uma leve attenção bastam a irradiar n'uma vida inteira a gloria do reconhecimento, da doce gratidão, a minima offensa em certos espiritos é sufficiente para inocular por todo o sempre o virus do odio e da vingança. A escola e a officina devem ser casas boas, agradaveis, attrahentes; o professor e o mestre os velhos amigos, os protectores naturaes dos seus discipulos e aprendizes. Ensina-se, aprende-se sem violencias, sem supplicios, sem ridiculos; e nada no futuro quebrará as amisades sãs travadas entre espiritos tenros; e nada destruirá as aversões ali semeadas pela offensa, pela brutalidade.

José e Francisco passaram muitos annos em officiaes; não tiveram doenças, nem conheceram quanto ha de horrivel n'esses dias em que se não ganha para pagar o mais necessario; se os jornaes eram bons passavam sem trabalhar dois ou tres dias na semana, á vida airada, jogando o chinquilho nas hortas, cavaqueando á noite pelos botequins; eram rapazes bons, bem apessoados, galhardos até, de boas palavras e de genio manso. Um dia falleceu o mestre da officina de serralheiro em que José trabalhava; o mestre deixára viuva e algumas pequenas propriedades compradas com as suas economias. José, então já primeiro official, fez a côrte á viuva e ás fazendas, casou, e achou-se proprietario e dono e mestre de uma officina acreditada.

Era um homem calculador, avaliando os outros só pela sua prosperidade relativa. Do negocio entendia elle a valer; sabia renovar o ferro velho; comprar por dez, arranjar com dez e vender por cem; arranjar officiaes baratos para si, e caros para alguns freguezes: todavia, um bom homem, não era grosseiro nem pimpão. Conservou-se sempre amigo do Francisco carpinteiro, e tanto que o fez casar com uma prima da mulher, rapariga nova, feia, com um genio insupportavel, mas tambem com umas casitas, dois ou tres quarteis de vinha, e umas dezenas de libras n'um pé de meia.

— Que importa lá a cara da mulher? e se é esguia

como um carapau? e se tem um genio exquesito? Deixa-te d'isso, homem; então eu casei por paixão? era o que me faltava. Olha que as mais bonitas fazem-se feias depois. Lá a minha serva de Deus tem mais vinte annos que eu, é feia a valer, caprichosa, ralha muito, que tem isso? Não se faz caso; governa bem a casa, deu-me a loja e as fazenditas, tirou-me do nada, que mais queria?

N'este ponto o Francisco discordava: o seu genio não se conformava completamente com o frio egoismo de José; elle desejava antes uma rapariga boa, saudavel; não exigia uma belleza por ahi além, mas ao menos, um palmito de cara regular, um corpito airoso, uma mulher geitosa, emfim, que justificasse o amor; e a tal prima do serralheiro estava longe d'isto.

—Mas que tem isso? és official; o que ella tem basta para logo passares a mestre; vaes trabalhar por tua conta, á tua vontade; arranjas officiaes, governa-te bem e terás freguezes; tu não és de pandegas rasgadas, de desordens... E olha se vaes escolher mulher bonita sem vintem ficas peior do que estás, vem filhos, que são cadilhos... e mais, mulheres bonitas todos reparam n'ellas... E o serralheiro fazia aqui uns tregeitos significativos.

Francisco resolveu-se; uma noite, em casa do serralheiro, fallou de amor á tal prima feia; ella ficou pasmada de inspirar uma paixão tal a um rapaz tão

guapo e bem parecido. Um mez depois estavam casados, e Francisco, o mestre Francisco, trabalhava por sua conta, na sua officina bem provida.

Os negocios prosperaram. Os dois amigos protegiam-se mutuamente: nas tardes domingueiras era um gosto vel-os esveltos e galhardos, as cadêas de ouro luzente sobre os colletes de quadradinhos, os charutos de vintem desfazendo-se em grandes fumaças; fallando de libras, de propriedades, com seus ares importantes; á noitinha entravam no botequim mais janota e tomavam seus cafés com genebra. Ás vezes cruzava-se com elles no passeio algum casal de pombinhos felizes na sua pobreza, algum pobre official dando o braço á mulher; rapariga airosa, fresca como uma flôr de primavera, sorrindo-se como a aurora mostrando duas fiadas de perolas n'uns horisontes côr de rosa, voltando do campo com um ramo de bellas laranjas e ramilhetes de grandes rosas aromaticas...

—Passem bem, diziam elles, os dois mestres, com modos importantes e seccos... e continuavam: aquelle não tem onde cair morto: e lá iam fallando de propriedades, de novidades, de muitas libras, dos freguezes finos que bem ou mal pagavam.

*
* *

—Ahi está um que vae ladeira abaixo, disse José ao passar defronte da casa do mestre Antonio sapa-

teiro; uma casita na bifurcação das estradas, no extremo da villa. Ali, por ser sitio de muita passagem, viera o sapateiro estabelecer a sua loja. Uma casita bonita, alegre, caiada com seu rodapé encarnado, poial junto da porta, grande parreiral, e tendo ao lado e atraz um bom quintalão com suas latadas e arvores de fruta. Effectivamente o aspecto da casa variára muito nos ultimos tempos; não estava tão caiada, a testada não estava tão varrida; desappareceram das janellas as gaiolas do canario e do pinta-silgo, e os craveiros de flôres: o quintal não estava cavado nem dividido em canteiros de verdejante hortaliça, a herva crescia á vontade; pela porta aberta e pela janella ao lado viam-se d'antes umas prateleiras encarnadas carregadas de utensilios de arame e lata brilhantes como novos, logo outras com muitos pares de fôrmas e sapatos e botas em rigorosa formatura: tudo desapparecera. Mas o que ainda mais se mudára era o proprio mestre sapateiro; estava agora assentado no poial, fraco, emmagrecido, abatido; o rosto com má côr, sulcado de tristes rugas, a barba crescida. Pela porta aberta viam-se as paredes nuas. A mulher assentada n'uma tripeça de cortiça remendava uma saia de estamenha já velha, aproveitando o calor de um feixe de sol, unico toque de vigoroso colorido alegre n'aquelle conjuncto sombrio; o sol, o constante amigo dos pobres, o astro de serena imparcialidade, que tanto entra no palacio

do opulento como no humilde casebre. A pobre mulher, antes tão formosa e bem disposta, parecia envelhecida, os olhos pareciam ter gasto o brilho nas muitas lagrimas, e nas insomnias dolorosas, os finos labios, desbotados, não se entreabriam risonhos.

— Ali está um que vae ladeira abaixo, disse José; e ao passar pela frente da casa cortejou com modo secco e importante.

— Olá, Antonio, boa tarde, passa bem...

— Adeus, Antonio, disse Francisco...

D'antes, como as cousas mudam! os comprimentos não eram assim. Se os dois passavam nas tardes domingueiras ali pelo sitio havia a boa e franca amizade, os alegres comprimentos expansivos; paravam, demoravam-se seu bocado, entravam ás vezes no quintal, cavaqueando um pedaço á sombra do corpulento damasqueiro.

— Oh! o nosso amigo Joaquim, disseram os dois, ao aproximar-se o bem conhecido merceeiro; então hoje resolveu-se a deixar o buraco e veiu apanhar uma restia de sol?

— É verdade; nem sempre amarrado ao balcão: pois vou com os amigos, se me querem a companhia; ha segredo na conversa?

— Qual segredo nem meio segredo! vinhamos agora conversando a respeito d'aquelle pobre Antonio, o sapateiro; como aquillo está!

— Ora essa, que lhe aconteceu?

— Então não sabe, aquillo está n'uma tal miseria!

— Não sabia. E a mim que me deve uma continha menos má. Já não lhe fio mais nada.

— Ah! você vendia-lhe fiado? pois não lhe dou um tostão pelo credito.

— Ali anda mau governo por força; a mulher parece que esteve doente, é o que succede quasi sempre; casam, sem olhar a mais nada, depois os negocios embaraçam-se e ficam a pedir por portas. Eu já lhe não posso fazer mais nada, concluiu o mestre José.

Ora este mestre José nunca lhe fizera favor algum; mas contava como tal o ter sido freguez d'elle n'outro tempo. Mestre José era, porém, d'estes que não perdem occasião de pôr ás claras o seu poder e importancia. Se um dia o sapateiro lhe pedisse dez tostões elle com certeza lh'os emprestava, não pelo celeste prazer de fazer bem, mas só com o intuito de andar depois por toda a villa fallando no grande favor.

— Eu cá sou assim; ninguem se chega ao pé de mim que não vá servido.

E pelo prazer ainda maior de mandar depois os aprendizes a exigir o pagamento dos pequenos emprestimos, e elle, ouvindo as desculpas, a bradar em altas vozes: Sucia de marotos, de caloteiros, lá pedir sabem elles, mas pagar... vistel-o.

— Viva o sr. Manuel, muito bem apparecido. Minha senhora, então como está, como estão os meninos?

Comprimentos ao visinho padeiro e familia.

— Vamos lá no rancho, comadre.

— Bravo, sô compadre, como está guapo.

— Então que sabem de novo?

— Ora! vinhamos agora a fallar do Antonio sapateiro; que desgraça!

— Sim? muito me conta; ora essa!

— É o que lhe digo, passámos agora por lá, que miseria!

— Pois não fico satisfeito com a noticia; deve-me uma continha.

— Estás prompto, aqui vai outra victima.

— Verdade é que sempre foi bom pagador, mas agora elle e a mulher têem andado doentes...

— Pois se lhe fiar mais não lhe vê dinheiro, aquillo está muito em baixo.

— Nada, fiar mais isso não, o tempo não está para esmolas, o dinheiro custa muito a ganhar.

— Pois olhem, tenho pena; é um bom sapateiro, trabalha com perfeição.

— Sim, não é mau, eu, porém, ha muito que não sou freguez d'elle; não estava para demoras de mezes.

— Mas se o homem esteve doente?...

— Esteve doente, e demais sahiu-lhe o official que lá tinha.

— Se elle lhe não pagava, que havia de fazer o rapaz?

— Parece que foi o sapateiro do cimo da villa que o desafiou para sahir.

— Pois ahi é que ella vae.

— Estas botas foram feitas pelo Antonio, têem bem dois annos e só tres ou quatro vezes levaram meias sollas.

— Ah! lá que elle é bom sapateiro, e sabe escolher cabedal, isso não tem duvida; ali ha mau governo, desperdicio; você não via d'antes a casa?

— Era muito amigo do asseio.

— E de luxar tambem, e como a mulher se apresentava? Casa franca: não passava ninguem que não convidassem, e teimavam com a gente para tomar alguma cousa.

— Apparatos, apparatos.

— Por fóra cordas de viola, por dentro pão bolorento.

— Eram muito amigos de obsequiar, eram, a todos mostravam boa cara, dizia a mulher do tendeiro, tenho pena de os ver assim.

— Tambem eu, mas não posso chorar. Aquillo anda ali mau governo por força.

O rancho continuava no passeio; a todos se contou que o mestre Antonio sapateiro estava perdido; ao conto accresceram pontos, a bola de neve engrossou; a pobreza fatal trazida pela enfermidade sumiu-se

primeiro no mau governo, no desperdicio, logo no luxo, no jogo, na bebedice.

— Assim, não ha dinheiro que chegue; a mulher no luxo, governo de casa nenhum, as noites passadas a jogar, de dia sem poder trabalhar, quebrado pela embriaguez da vespera, que se ha de esperar?

* * *

Na manhã seguinte a pobre mulher do sapateiro foi á tenda comprar chá, assucar e arroz.

— Tenha paciencia, ponha no rol.

— Nada, disse o tendeiro, com uns sorrisos maus, a senhora não leva isto sem pagar.

— Ora essa, senhor.

— Não posso fiar mais.

— A quantia não é grande, e sabe que temos sempre pago em dia, agora n'estes dois mezes as molestias minha e de meu marido...

— Bem sei, disse o homem bruscamente. Se você traz dinheiro leva isso, não traz fica tudo ahi; não estou resolvido a fiar mais.

A mulher sahiu afflicta. Entrou logo na padaria.

— Ora viva! disse o padeiro com um modo fóra do costumado. Não lhe posso fiar mais; o pão custa dinheiro, não posso fazer esmolas.

— Mas sabe que não somos caloteiros. Se não temos agora, em breve o teremos, se Deus quizer; e o senhor que era tão nosso amigo d'antes...

— Isso era d'antes. Amigos, amigos, negocios á parte.

A pobre sahiu consternada. Recolheu a casa á pressa. N'aquella mente pesava a consciencia da miseria, a reacção zangada contra o egoismo dos homens.

— Que direi ao meu pobre Antonio, como ficará elle agora?...

Aquelles pobres estimavam-se muito, não houvera jámais entre elles nos muitos dias bons, nos ultimos dias maus, a minima alteração. Rivalisavam em sacrificar-se um pelo outro. Ao entrar em casa a pobre teve novo sobresalto. O marido passeava afflicto d'um para outro lado. Encostado á hombreira da porta estava um rapaz, de chapéo na cabeça, com modos insolentes.

— Então, decida-se, que resposta quer que dê ao patrão; paga ou não paga a solla?

A mulher entrava n'este momento.

— Que é isto, Antonio?

— Nem eu sei o que é, minha pobre companheira; é a desgraça; e foi para chegar a este dia que me casei, que fui buscar-te, minha santa, a casa de teus paes, para te trazer a esta miseria.

— Filho, que dizes? já me ouviste queixar alguma vez? e abraçaram-se estreitamente. Vamos socega, hão de vir dias melhores; Deus ha de lembrar-se de nós; que os homens parece que nos abandonaram, todos nos voltam as costas.

— Então que novidade é esta, temos lagrimas? bradava uma voz forte e vibrante e n'isto assomava á porta a physionomia agradavel e aberta do sr. André das quintas, padrinho do primeiro filho do sapateiro.

— Que é que você quer? perguntou ao rapaz.

— Vim com a conta do patrão, que tem fornecido a solla, e já o sr. Antonio lhe deve trinta mil réis, e nada de pagar.

— Olha, o teu patrão conhece-me muito bem. Dize lá que eu irei fallar com elle d'aqui a bocado. O rapaz mudou logo de aspecto, levou a mão ao bonnet e partiu.

— Ora, o que ha de ser, compadre? porque lhe não diremos a verdade inteira? Olhe, nem eu sei bem o que isto é, é a desgraça, tudo contra nós, sem saude; os freguezes a fugirem todos; parece que estamos pagando a nossa felicidade passada.

— Assente-se, compadre, dizia a Maria; ora, não tire o chapéo, que vem a suar, e a pobre fallava já mais animada, como se n'alma lhe houvesse entrado uma onda de esperança.

— Não se incommode, comadre, deixe estar; já arranjei cadeira; mas como está abatida!

— Depois que o compadre entrou já estou melhor.

— Vamos, conversemos, ha mais de quatro mezes que não vinha aqui para estes sitios; mas olhem que a minha amizade não arrefece por estar longe, não

é commigo o ditado «*longe da vista, longe do coração.*» Nada, eu sou assim, constante como um rochedo.

— Pois ha poucos assim.

— Tenho andado com grandes obras, comprei uma quintasita d'aqui a duas leguas ; havemos de ir lá um dia, para a primavera, comer as favas com salada. A quinta estava abandonada, estava, mas agora já parece outra ; deitei-lhe uma bacelada formidavel de magnifico vidonho ; a casa caiada, a cabana renovada, a nora limpa, ora, já parece outra, sim senhor. O compadre André fallava com um grande orgulho bom.

— Mas que tem sido isto, contem-me cá, compadres. E o velho lançava em redor um olhar investigador, pezaroso, inquieto, reparando na nudez da casa, no desconsolo d'aquelle honesto e bom mestre Antonio.

— Isto começou pela minha doença, compadre, umas febres que me iam enterrando ; e meu pobre marido a gastar todas as economias ; uma cousa assim ! Depois os pequenos adoeceram tambem e por ultimo o meu Antonio, ai ! compadre, não sei como resisti.

— E é verdade, não sei como ella resistiu, disse o marido ; ainda convalescente e a perder noites seguidas : e depois, imagine, mais de mez e meio sem ganhar um real ; a doença d'ella levou-me as economias, a minha levou tudo, concluiu a desgraça,

tivemos de empenhar moveis, louças, roupas; não temos nada; e agora não sei o que se diz ahi de nós...

— Fui ás lojas e não me quizeram fiar nada, e pensar a gente que essas pessoas eram d'antes tão nossas amigas...

— E agora veiu ahi um recado para pagar o cabedal; e olhe que eu tenho sempre pago pontualmente no fim dos semestres, que é o costume, mas o patrão parece que tem pressa...

O compadre André sorria-se, um sorriso fino, triste e sarcastico ao mesmo tempo.

— Ai! infelizes, é o mundo, vocês conhecem-n'o pouco; têem-n'o visto sempre pelo prisma da sua pureza boa; como são bons, imaginam que os mais são tambem assim; como são generosos, julgam por si os outros; enganam-se redondamente, os homens em geral são egoistas. Lá vem um dia em que o tal prisma de cristal fino esbarra contra a pedra da sordidez vulgar e parte-se, e não tornam a apparecer as imagens rodeadas de côres brilhantes. Se um vê escorregar, cem ajudam á queda, mil chasqueam do baque. É mau? é, e é natural, vejam lá; é proprio da baixa natureza humana. Se alguem tomba ahi na rua, o primeiro impulso de quasi-todos é para a chacota; apenas um ou outro mais fóra do commum corre a levantar o cahido. Foram felizes, generosos, obsequiaram todos, a todos mostraram boa

cara, agora hão de pagar. Entropeçaram? demos-lhe um encontrão, para cahirem de vez; cahiram, vamos a enterral-os; é a lei, vê-se isto todos os dias. O que, porém, se vê tambem, ainda que raras vezes, é chegar alguem na occasião propria para consolar e ajudar. Estiveram doentes, ha mezes que se não ganha um real, empenharam louças e roupas, a comadre anda ahi mal agasalhada n'um fatinho velho? vamos, caras alegres, descancem esses espiritos, tenham esperança, que tudo se arranjará; vão voltar os freguezes, o trabalho, os dias felizes. Isto foi uma lição. Eu lhes emprestarei o bastante para pagar essas dividasitas, querem experimentar? e em chegando os dias melhores e mais fartos restituem-me o meu dinheiro. É um pequeno favor, mais nada.

O Antonio e a mulher ouviram as palavras de André n'um silencio de admiração, depois cahiram nos braços do bom homem.

— Nada de agradecimentos; olhem, eu faço o meu dever, posso ajudar, ajudo; não sabem o meu ditado predilecto «*um por todos, e todos por um?*»

* * *

Dias depois conversavam os nossos conhecidos.

— Parece que o Antonio teve alguma herança, veiu hoje pagar-me até ao ultimo real.

— Homem, tambem lá foi, aquillo foi dinheiro achado.

— Nem uma cousa nem outra ; tinha dinheiro no banco.

— Qual historia ! elle nem sahiu da villa.

— Mas mandou levantar o deposito, que o disse o André ; o homem parece que tinha no banco uma quantia menos má para montar um estabelecimento em ponto grande, e não lhe queria tocar...

— Pois ha de ser isso ; elle hoje foi pagar-me os trinta mil réis do cabedal.

— Ainda bem, que é um excellente sapateiro.

— E nada careiro.

— E é verdade que não é careiro, e obra feita por elle é boa a valer.

— Eu, quando elle começou a andar doente, coitado, fui para o sapateiro do cimo da villa ; o maroto viu-se só a trabalhar e aproveitou-se das circumstancias ; leva caro, demora as obras quanto tempo quer e afinal o trabalho não é bom.

— O mestre Antonio ? é um homem honrado a valer.

— E ninguem lhe conhece o minimo vicio, não bebe, não joga.

— E a mulher ? que santa mulher ! uma dona de casa como poucas ; e ali não se diz mal de ninguem.

O merceeiro foi logo na manhã seguinte pedir desculpa da maneira por que tratára a sr.ª Maria, mas n'aquelle dia estava de mau humor, doente...

O padeiro tambem pediu que lhe continuassem a

freguezia; elle pela sua parte continuava a ser freguez, vinha até encommendar um par de botas para si, e um par de sapatos para a mulher.

O serralheiro, passando por ali n'uma tarde de domingo, soltou um — olá! — expansivo e veiu apertar a mão do Antonio, jubiloso, procurando miudamente pelo seu estado de saude.

O negociante de cabedal veiu fallar pessoalmente ao sapateiro, noticiar-lhe que recebera havia pouco uma remessa de cordovões e vitellas de primeira qualidade, e que lh'as podia vender em conta; o pagamento seria como d'antes, no fim dos semestres, se podesse ser, não tivesse fezes com isso. Se mandara antes receber fôra pela urgencia em que se vira de arranjar algum dinheiro.

— Mas o seu caixeiro veiu ahi com um recado tal... e um mau modo... dizendo que o senhor queria pôr a casa em praça...

— Ora essa! Não se póde confiar em caixeiros, trocam tudo. Eu podia lá dizer isso?

O official veiu offerecer-se; deixára a loja levado pelos maus conselhos de certos amigos.

Voltaram os dias bons, a saude e a prosperidade; poucos mezes mais tarde era satisfeita na integra a conta do compadre André.

Voltaram os comprimentos rasgados e os freguezes; o que não voltou completamente foi a generosidade para todos do mestre Antonio e da sua cara

metade; o mundo dera-lhes uma lição severa que não perderam. Aprenderam a distinguir os maus dos bons, o trigo do joio, os amigos sinceros dos fingidos, o riso honesto do contrafeito, a verdade da hypocrisia. Por isso o padeiro, o merceeiro, o serralheiro passando por lá tinham só agora um — Meus senhores, vivam, passem muito bem —, e nunca mais gozaram a sombra fresca do damasqueiro, nem provaram dos bellos cachos de *uva formosa*, quando pelo outono o parreiral ostentava as suas brilhantes stalactites de perolas.

— Meus senhores, vivam... e continuava o bom do homem comsigo mesmo, se precisarem de mim talvez me encontrem, eu tratarei de jámais lhes pedir o minimo favor, porque vendo-me prospero cortejam-me, vendo-me infeliz calumniam-me.

Agora com o André é outro cantar, e com razão, porque lhe conhecem bem a constante benevolencia, o favor sem o peso da obrigação, sem a paga a orgulho e vangloria; e são contentes assim, no seu pouco, na sua honestidade, no seu lidar. Basta ver a scena, tantas vezes repetida, quando o André volta das quintas pela tardinha fresca. O compadre assenta-se no banco de pedra, sob a parreira, e dá beijamão aos afilhados; um beijamão sincero, jovial e, todavia, com seu tanto de sagrado; o beijo da innocencia boa e fraca na mão rugada pelo trabalho aspero, costumada a fazer o bem sem alardes.

— Oh! estorninhos d'um santo, diz-lhes elle ás vezes, conservem-se sempre amigos e unidos, e d'aqui a annos, quando eu não estiver já no mundo, lembrem-se do ditado predilecto do padrinho André: *«um por todos e todos por um.»*

DE COMO O VISINHO JOSÉ

OFFICIAL DE ALFAYATE

MATOU UM PORCO

E COMPROU MACHINA DE COSTURA

De como o visinho José, official de alfayate, matou um porco, e comprou machina de costura

O meu benevolo leitor esperava talvez no folhetim por uns estranhos episodios, faiscantes de vigor, recheiados de peripecias de eternas luminarias, e depara por desgraça com este titulo tão vulgar, tão desenxabido! Hoje impera o extravagante nas lettras; procura-se o caso difficil, intrincado, ultra-dramatico; parece que o espirito de leitores e escriptores corre parelhas com o de certos pintores hespanhoes; grandes amadores de vigorosas sombras, vivendo n'um paiz de contrastes nos homens, mas de eterna luz no céo. O que vae por ahi! crimes, enredos, ligações mysteriosas dos de alta linhagem com os filhos das hervas; o contraste por toda a parte; o drama em tudo, por vezes a tragedia, o punhal, o

veneno, as trevas dos subterraneos, as espantosas catastrophes; só falta o ranger dos dentes, de que falla o lugubre evangelista.

Procura-se a sensação forte; os nervos estão embotados, é preciso absintho para os estomagos estragados, sem vida; todos obedecem á corrente; quer-se o maravilhoso terrivel, quer elle se apresente entre ciganos e princezas, quer nos horrores das solidões polares ou na crise de um balão perdido n'uma tempestade electrica tropical.

E o leitor depára com um titulo tão simplorio! Machina de costura! Historia de um alfayate!

Ora se v. ex.ª me concedeu a honra de chegar até aqui, ouso dizer-lhe que tambem aqui póde encontrar o drama e o maravilhoso. O drama póde encontrar-se em toda a parte como a maravilha; na gota d'agua, nas accumulações nebulosas dos astros, no primeiro grito do recemnascido, no ultimo soluço do ancião, na humilissima cabana, no mais sumptuoso salão. Ora o maravilhoso dramatico de que fallo e que vou de chofre apresentar ao leitor, que talvez goste de sensações fortes, drama formidavel e singular problema, é este: «marido, mulher, tres crianças que cabem n'uma joeira, e dezoito vintens nos dias uteis para sustentar, vestir, calçar estas cinco criaturas.»

A morada do alfayate é proxima da minha; uma casa dianteira com porta para a rua publica, em lin-

guagem tabellioa; outra casa na rectaguarda, estylo militar; esta casa recebe luz apenas por uma fresta que deita para um quintal proximo, de modo que está sempre a meia luz, estylo artistico; por cima d'esta um casarão de telhavã; pelas fendas do telhado estiram-se as resteas de sol ou gotejam as aguas das chuvas, aqui e ali uma teia de aranha, por cima umas fartas vegetações, as correrias dos ratos, os tremendos duellos dos gatos da visinhança, e pelas auroras o chiar dos pardaes; isto vae em estylo realista. Não sei se o leitor conhece a grande lucta travada por esse mundo fóra entre realismo e idealismo. Para mim, obscuro trabalhador, ainda não estão bem acclaradas as lindas das magnas questões. N'estas contendas recordo-me sempre de um conto de Esdras: tres guardas de um potentado asiatico para matar as horas semsaboronas da véla dissertavam entre si sobre o que ha de mais forte no mundo; um opinava pelo vinho, outro pelo ouro, outro pela mulher, mas, disse este por fim, ainda mais forte é a verdade. A verdade é a norma a seguir; eu gosto da naturalidade, do espontaneo: para estudar geologia não bastam livros e museus; é melhor estudar as formações nos proprios terrenos; nos vastos pendores das montanhas póde seguir-se nos seus traços magestosos a historia das antigas revoluções; vendo trabalhar a modesta ribeira excavando o seu accidentado leito faz-se idéa clara do poder dos agentes na-

turaes; é preferivel estudar o exemplo vivo; como fazer idéa do viver, do aspecto, do vôo poderoso da aguia vendo-a mui quietinha, muito escovada, mui classica, com seus olhos de vidro e em posição de dança n'uma vidraça de museu? Copiar a natureza, seguir apenas os naturaes impulsos, miseria! dirá alguem.

E se eu conseguir lançar na téla com verdade, por exemplo, uma mulher junto do berço do filho enfermo, n'um modesto interior, ou as côres frescas, rosadas da aurora a despontar, fielmente, naturalmente, porque se não librará o meu espirito nas maravilhas do coração humano, nos prodigios do amor e da abnegação, ou na eterna magestade, nas admiraveis leis do universo?

Ha de haver dois annos. Um dia pela manhã, ao sahir de casa topei o visinho alfayate.

— Bom dia, visinho, como está de saude? como está sua mulher?

— Assim, assim, quando mal nunca peior.

— Vejo-o triste, tem alguma cousa que o incommode?

— Eu, nada, senhor.

— Nada, a mim não engana você, ahi ha alguma cousa. Homem falle com franqueza; você sabe que tem em mim um amigo. Se precisar de mim...

— Obrigado, visinho; sei que é meu amigo. Se ando triste? isto é modo meu, ando sempre assim;

se isto, não se passa da cepa torta! É andar n'um mourejar constante, e nada luz.

— Olhe, visinho, que encontra outros mais infelizes; a gente ás vezes perde-se em olhar sempre para cima, olhe para baixo...

— Ora, a quem o vem dizêr: Ha, sim senhor; mas olhe que desconsola por fim andar a gente sempre bem, a trabalhar sem descanço, e sem poder alcançar certas commodidades que outros tão facilmente conseguem.

— Tem razão, tem, mas não vale desanimar. Deus ajuda os que trabalham.

— Tenho ouvido dizer isso, mas lá pela porta ainda não chegou ajuda nenhuma.

— Esforce-se. Terá você empregado todos os meios?

— Ora o visinho está a divertir-se commigo. Já me viu bebado? sabe de alguma extravagancia minha? Já ouviu queixas a meu respeito, ou lá ao mestre ou companheiros, ou de minha mulher? eu tenho sido sempre homem de bem...

— Bem sei, visinho, bem sei; e por isso sou eu muito seu amigo, creia. Ora, ouça. O visinho, é honesto, trabalhador, amigo dos seus; sei tudo isso, conheço-o ha muito tempo. Vou fallar-lhe com toda a sinceridade. O visinho ganha o seu jornal...

— Dezoito vintens por dia...

— Bem, dezoito vintens. Não poderia fazer alguma economia?

— Pago já o monte-pio, e, vamos lá, que ás vezes bem me custa.

— Bem sei; fui eu que lh'o aconselhei, e creio que não está arrependido. Ainda ha mezes, na doença de sua mulher, lhe foi util.

— Oh! se foi; se não fossem os soccorros, quem sabe? talvez estivesse hoje viuvo, e os meus filhos estivessem sem mãi.

— Ora, escute; o visinho não póde fazer mais economias, ás vezes até lhe custa pagar o pataco do monte-pio; tem mulher e tres filhos: ora sua mulher não poderia costurar em casa, n'umas horas vagas, e ganhar assim um salario embora pequeno?

— Qual! e os tres filhos sempre em roda d'ella.

— Lá vamos. Ouça uma historia. N'outros paizes em que o bem-estar dos operarios tem sido muito estudado, porque se entende lá que o bem-estar dos operarios concorre para a sua moralidade e vigor, e o bem-estar, moralidade e vigor das classes operarias são indispensaveis para o progresso e regular desenvolvimento das industrias e por consequencia para a riqueza publica e por consequencia para a civilisação de todos, n'esses paizes, como ia dizendo, tem sido preciso, pelo successivo desenvolvimento do trabalho, empregar as mulheres; mas como empregar as mulheres, fazendo-as assim abandonar certos cuidados caseiros? que educação terão os filhos, sendo logo na infancia como que afastados das mãis? Re-

solveu-se o duplo problema, criaram as *crèches*, é a palavra adoptada, e que eu lhe vou explicar. *Crèches* são umas casas bem construidas, com sua vasta sala, e seus terrenos annexos arborisados ou ajardinados. Ha n'estas casas um certo numero de mulheres para ensinar, vigiar, e outros serviços. As portas abrem-se pela manhã cedo e fecham-se á tardinha. Para ali vão as crianças dos pobres, dos operarios, dos trabalhadores ruraes. A casa dá-lhes uma refeição economica, mas abundante. O fim principal das *crèches* é deixar as mãis, ou irmãs, etc.. perfeitamente livres e descançadas, podendo entregar-se a outros trabalhos, cuidando ao mesmo tempo dos filhos, que já ali vão receber uma instrucção mui rudimentar. Assim, as mãis trabalham, e os filhos estão livres de perigos. De perigos, entenda bem, porque uma estatistica bem pavorosa é a das crianças mortas ou mutiladas pelo descuido, ou na ausencia das mãis; causa horror pensar n'isto, nas victimas dos porcos, dos cães, dos fogos. Nas *crèches* admittem-se crianças de tres a sete ou oito annos. Costumam-se ali a viver em sociedade, aprendem pela constante repetição a doutrina, habituam-se á sujeição, á disciplina, fazem exercicios de gymnastica natural, brincam, dão seus passeios em fórma, dançam com moderação, cantam, o que desenvolve e aperfeiçoa o orgão vocal, aprendem, as mais velhas, rudimentos de leitura, de contas, de escripta. Aqui tem o que são as *crèches*. O que as torna

mais dispendiosas são as refeições diarias: ainda assim uma *crêche* bem organisada para duzentas crianças, por exemplo, póde custar tres contos de réis annualmente; é claro que fica muito mais barata se não se der a refeição, ahi uns quinhentos mil réis; póde tambem adoptar-se um systema mixto, dar ás crianças mui pobres a refeição, pagando-a outras. São utilissimas, como vê. Entre nós custa muito a gastar dinheiro com as crianças; gasta-se mais, mas muito mais, com os militares reformados que com as crianças, quer dizer com os individuos que em vinte annos hão de formar a parte mais activa da sociedade; e olhe quer saber um dito d'um sabio: «vinte annos de instrucção primaria bem organisada e está reformado o mundo.» Ora, entre nós não ha *créches*. Mas escute, vamos ao seu caso. Ha por ahi umas velhotas que a troco de uns duzentos reis mensaes aturam crianças quasi de sol a sol. Eu não sei se as crianças aprendem lá alguma cousa; verdade, verdade, supponho que sim, pelo menos rezar, fazer meia, dar passagens; já é alguma cousa; olhe que ha por ahi mãisinha que trata menos dos filhos: demais as crianças lá estão, sentadas nas cadeirinhas, emquanto a senhora mestra com toda a paciencia dos sessenta janeiros vai repetindo com uma das pequerruchas o Padre-nosso ou lhe ensina a malha da meia, e a sciencia dos mates e revezilhos; e que não estejam quietas! as iras da senhora mestra são tre-

mendas, nas revoltas, nas crises bulhentas da gente pequenina ella lança mão da comprida canna e... bumba, carôlo que ferve! Ás vezes chegam a choramigar, mas á sahida, quando os ranchos se dispersam, despedem-se risonhas fallando dos carôlos. E demais ainda não ouvi dizer que na mestra as crianças fossem mordidas de porcos, ou cahissem em poços, ou se queimassem no brazido da lareira. Aqui tem o visinho. Não ha *crèches*, contentemo-nos com as senhoras mestras. O visinho tem em casa tres crianças uma de sete, outra de cinco, outra de tres annos; esta fique em casa por ora, mas as duas primeiras devem ir á mestra....

— Devem, sim senhor; isso é bom de dizer; bem vê que é um cruzado por mez.

— Escute, visinho. Indo os pequenos á mestra, ficando em casa apenas o mais pequeno que poucos cuidados dá ainda, sua mulher fica com umas horas mais descançadas, sem inquietações, e póde costurar e haver assim um salario embora pequeno. Diga lá, um calculo proximo, pouco mais ou menos...

— Ora, para ahi uns seis vintens.

— Bem, eu vou calcular ainda com menos, um tostão apenas. Ganhando por dia um tostão, póde ganhar n'um mez, tirando os domingos, dois mil e seiscentos, e descontando o cruzado da mestra ficam dois mil e duzentos; e como até agora não teve esta receita, pouco lhe deve custar a juntal-a, a ir juntando

féria a féria, e a ter no fim do anno umas cinco libras juntas...

— Cinco libras juntas, mas como é isso visinho?

— Vamos lá, eu hoje estou para historias· Como? simplesmente. É fazer de conta que não ganhou essa quantia e mettel-a na caixa economica. A caixa economica é parecida com o monte-pio. As duas instituições podem mesmo alliar-se e proteger-se mutuamente. Alguns individuos constituem uma direcção e recebem elles as quantias que quaesquer pessoas lá vão depositar. Elles então giram com essas quantias, emprestam-n'as a juros, fazem descontos, diversas operações emfim, e ganham com essas transacções; esses ganhos dão para as despezas indispensaveis da caixa e até para o pagamento d'um pequeno interesse. Por exemplo, o visinho economisa hoje dois tostões, para a semana cinco, n'outra semana tres, etc., e vai depositando estas quantias na caixa. Se ficasse com o dinheiro em seu poder gastava-o provavelmente, e talvez com pouco proveito; se quizesse negociar com elle, impossivel, nem em ovos, nem em palitos; se tivesse tamanha força de vontade que o fosse juntando, no fim d'um anno, por exemplo, teria a somma completa; ora, na caixa dão-lhe a somma completa, mais um juro de quatro ou cinco por cento respectivo ao tempo e importancia das parcellas. E eu lhe digo porque; a razão é simples. Com as suas pequenas economias não podia o visinho ne-

gociar, mas na caixa onde se reunem as economias de muitos, e muitos poucos fazem o grande, negoceiam, giram com o dinheiro, já se sabe, em transacções honestas e seguras, e assim tiram lucros superiores. Ora, se o visinho economisar o modico salario de sua mulher, diga-se dois mil e duzentos por mez, tem no fim do anno vinte e seis mil e quatrocentos, mais um pequeno interesse. Com esta quantia pode o visinho obter alguma de essas commodidades de que fallava; podia até matar porco, ahi pelo Natal, o que é de tamanha conveniencia para uma familia. Basta por hoje; tem sido longo o cavaco. Falle n'isto a sua mulher, e saude. Afastei-me, um pouco adiante voltei-me e vi ainda o alfayate no mesmo sitio, de cabeça inclinada, á contar pelos dedos.

— Bom signal, disse com os meus botões, pensar é meio caminho andado.

Alguns dias mais tarde tive eu uma solemne e alegre surpresa. Encontrei-me no caminho com o visinho alfayate; levava pela mão os dois filhos mais velhos.

— Ora viva, meu visinho — confesso que me custava a acreditar que o homem tivesse tão promptamente aceitado o meu conselho — então onde vai?

— Onde vou? vou levar os pequenos á mestra, respondeu elle a rir.

— Então já conversaram, já resolveram tudo?

—Tudo, está de ver. O que eu queria era que o visinho visse lá a minha serva de Deus quando lhe fallei na

matança do Natal. Lá ficou ella agora a costurar n'um collete. Eu o que não sei é agradecer os seus conselhos...

— Não sabe? sabe, e muito bem. Creia que me tenho por mais que recompensado vendo-o, como o estou vendo agora, no caminho do bem. E vocês, pequenos, ouçam isto, o primeiro que conhecer todas as letras ha de ter um papeluço de confeitos.

Na vespera de Natal houve festa em casa do alfayate; celebrava-se a morte do porco. Desgraçados, saborosos animaes! Vivem sempre a olhar para a terra, a fossar, a chafurdar. Para elles não ha mimos; comem, dormem. Fórma desengraçada, andar feio, por voz o grunhido e o guincho. Morrem á faca e a morte d'elles é sempre uma festa. Parecem-se com certos desgraçados bipedes e bimanos; os mais desgraçados dos homens, os avarentos, os sumiticos; para estes não ha mimos no mundo, não estimam ninguem, ninguem os estima; não têem doçuras, não têem grandeza nem generosidade; as alegrias d'elles significam desgraças; as vidas d'elles são negras, negras sem scintillações de uma só estrella, não conhecem frescuras d'aurora, nem suaves tristezas do crepusculo; de tudo isso riem por ignorancia, por incapacidade de elevação; para que serve o orvalho ás escorias das fornalhas? Vivem amontoando riqueza, na engorda das burras. Quando morrem é dia de festa na familia. Por moda e respeito ao mundo humano, — formidavel sphinge — os pa-

rentes mandam dobrar os sinos e celebrar officios; aquelles dobres significam repiques, os officios são *Te-Deums*. E dias depois começam as peças e os pintos a girar, a girar. E como S. Pedro não admitte no céo estas bellas prendas, nem as almas dos avarentos querem ir para o inferno, por medo dos fogos, andam ellas com as peças e os pintos a girar, a girar, sabe Deus por onde!

José chamou-me de parte, contou-me como tinha seguido á risca os meus conselhos, agradeceu-m'os novamente e pediu-me ainda mais. O porco, que pesára uns fartos noventa kilos, custara-lhe quatro libras; das suas economias sobravam-lhe oito mil réis. — Ora, dizia-me elle, se eu conseguir isto durante cinco annos, posso talvez realisar um grande desejo meu. O mestre, que está muito contente commigo, comprou ha mezes uma machina de costura, e sou eu que trabalho com ella. Não imagina como se despacha obra com a machina, e não custa nada a aprender; basta alguma pratica; ora quer saber o meu desejo, era ter machina. Quando hontem fui á caixa buscar as quatro libras e me disseram que ainda lá ficavam oito mil réis, vi eu o meio de realisar este projecto. Se durante cinco annos eu continuar a fazer estas economias, terei de sobra uns quarenta mil réis, e poderei compral-a. Mas cinco annos! eu não poderei fazer maiores economias... Que me diz o visinho? a minha idéa é esta, comprar

machina, ensinar minha mulher, e poderemos assim augmentar o nosso salario.

— Bem. Eu lhe vou indicar o meio mais facil e rasoavel de conseguir a machina, e até o meio de ser a propria machina que a si mesmo se pague. Vá ouvindo. Na caixa emprestam-lhe dinheiro ou dando o visinho um fiador, ou dando hypotheca. Ora diga-me, a casa em que móra é sua?

— Minha mulher herdou-a de uma prima.

— E está hypothecada?

— Não, senhor.

— N'esse caso nem tem que pedir favores a pessoa alguma. Não precisa fiador, ou melhor, o seu fiador vae ser o titulo da casa. O visinho apresenta o titulo na caixa, mostra que a casa não está hypothecada, e lá abrem-lhe um credito egual á metade do valor do predio. A casa vale bem cem mil réis, terá um credito de cincoenta, e o visinho só precisa dez libras para comprar uma boa machina de costura; e esteja certo que mais vale comprar uma boa, embora mais cara, que uma baratinha, mas imperfeita ou de facil ruina. Fica pois o visinho com a sua machina de costura e com uma divida de dez libras. Esta divida vae saldar-se com os lucros provenientes da propria machina. Sua mulher ganhava um parco salario; esse salario vae dobrar com o uso da machina; tendo a machina em casa, e não sendo este trabalho nada violento, póde o visinho tambem, em horas de serão,

trabalhar ; e esse augmento de lucros nos primeiros tempos serve unica e exclusivamente para o pagamento em prestações da sua divida. Faremos um calculo baixo. Com a machina poderá lucrar a mais uma libra por mez ? mais, com certeza. Pois calculemos só uma libra ; em dez mezes terá a machina paga. E note a vantagem que isto tem ; compra em breve a machina, que estará paga em dez mezes, e não esperará pela somma das economias de cinco annos ; e dentro de dez mezes começa a gosar os seus lucros inteiros, e salva a hypotheca. Isso póde fazer-se já ; não se envergonhe de ir pedir á caixa ; a instituição não é para outra cousa, os contractos ali são claros e puros ; ninguem lhe faz favor ; e alem d'isto um artista nunca se deve envergonhar de querer por meios licitos e louvaveis augmentar o seu bem-estar e o de sua familia.

D'esta vez o homem não ficou a scismar, nem a contar nos dedos. Já lhe não custava a acreditar, como acontecera quando lhe aconselhei a entrada para o monte-pio, e os depositos na caixa ; ficou logo resolvido ; no dia seguinte tirou dez libras, dias depois estava a machina em casa, e durante umas noites ouvi eu o ruido da machina ; era o visinho alfayate a ensinar a mulher. Aprendeu em pouco tempo ; e agora a machina não leva boa vida, é uma roda viva, as calças succedem-se ás inglezas, os lenços ás seroulas, é um nunca acabar.

Não terminarei a minha singela historia sem uma nota. A palavra *machina* vem, segundo certos etymologistas, qual d'elles mais profundo, do grego *makhe*, que significa combate, ou *mekhane*, instrumento ou machinismo bellico; nos bons tempos do velho Homero só se conheciam machinas de guerra; certo é que o radical commum a muitas linguas arianas, variava um pouco de significação em algumas; nas saxonicas, nas germanicas, *mak* (make-machen) indica fazer, produzir. Entre os gregos, pois, machina era instrumento de guerra, e hoje? machinas são os instrumentos da paz e do progresso, os grandes auxiliares e amigos do homem; com ellas é facil ligar os mares, escavando immensos canaes, é facil perfurar os Alpes, para que a locomotiva corra em tres horas do valle do Rhodano ao valle do Pó. A locomotiva, a grande niveladora! complexo admiravel de invenções! E não servem só para vencer as grandes difficuldades, as herculeas emprezas; vencem as minimas, que por serem muitas, são importantissimas, porque os poucos que aproveitam a muitos são de maior significação que o muito que aproveita a poucos. Por isso têem attingido tamanha importancia estes pequenos e admiraveis machinismos, que levam a toda a parte a facilidade, a commodidade, a rapidez da execução. Verdadeiros instrumentos de paz, como elles estão distantes dos *mekhane* dos gregos!

O VISINHO MARCOS

O visinho Marcos

O meu visinho Marcos, bom official de carpinteiro, casou com a sr.ª Anna da Saude, appellido bem escolhido, porque nunca vi cara mais alegre e sadia. E por este meu dizer não se julgue que a visinha Anna é alguma estouvada ou constante zombeteira, não senhor, é toda ella riso, mas ninguem lhe leva a palma no arranjo da casa, ou no carinho de esposa e mãi. Pobre rapariga que bastante soffreu nos dois primeiros annos de casada! Eu digo o motivo. O Marcos, aquelle mocetão, costumava ir todas as noites á taverna depois do trabalho; nunca o vi a cahir, mas excitava-se, tinha mau vinho e a pobre rapariga era a victima das exaltações vinosas do misero artista. Comtudo não era isso o que mais a amofinava, mas sim o ver-se muitas vezes sem dinheiro, sem comer, sem

roupa nem para o marido, nem para si, nem para a pobre filha que Deus lhe dera. Ella, com o admiravel instincto feminil, lá superava as difficuldades, sem conseguir todavia o milagre da emenda do marido.

Fez hontem mesmo um anno: ali pela noitinha, recolhia a casa e encontrei o visinho Marcos; vinha embriagado o pobre carpinteiro, nem me conheceu. Passei adiante, mas pouco distante ia ainda quando ouvi abrir-se a porta da humilde casa e logo uns soluços e ais abafados. Parei. O carpinteiro entrou deixando a porta aberta e começou uma altercação. A mulher chorava, pedia-lhe que não gritasse para não acordar a innocente que tinha nos braços e que estava ardendo em febre. Elle continuou a gritar, ouvi distinctamente pancadas e logo um grito tal que me estremeceu a medulla dos ossos. Corri, entrei, deparei com um triste espectaculo.

A fraca luz da candeia pouco illuminava a casa. Estendida no chão estava a Anna tendo nos braços a filha; o ebrio, junto da candeia, cuja luz não podia fitar e interdicto pela minha subita entrada procurava disfarçar acendendo um cigarro.

— Então que é isto aqui? que motim é este? perguntei eu ao carpinteiro segurando-lhe ao mesmo tempo um braço.

— Foi elle, bradou a mulher; estendendo para mim a mão ensanguentada, foi elle; bateu-me, atirou comigo ao chão e... veja, matou a minha filha!

O carpinteiro estremeceu, cobriu-se de suores ; vi-o passar afflicto a mão pela testa ; a respiração alterada, o olhar esgazeado.

A mulher approximou-se da luz com a pequena nos braços ; o sangue corria de uma ferida na cabeça ; conheci logo que não estava morta, estava apenas atordoada.

— Vê ? disse eu ao Marcos, ahi tem o que fez, matou a filha, e dei-lhe um encontrão que o fez recuar até ao canto da casa.

Fui com ellas a uma botica proxima, e ahi se fez o curativo. A ferida era pequena, sem gravidade, mas fiz comprehender á mãi que se podia tirar d'ella grande partido.

Quando de novo entrei em casa do carpinteiro estava elle n'um estado tal que cheguei a receiar tivesse enlouquecido. Rojara-se do canto ao sitio onde cahira a filha, e onde deixara larga nodoa de sangue e na perturbação da embriaguez, do pasmo, e do vago e profundo terror que assalta as consciencias em trevas beijara, roçara a cara pelas taboas ensanguentadas, e ficou-se immovel, hirto, com os olhos fitos na escura mancha. Com algum custo o fiz tornar a si d'aquella luta da embriaguez, da razão e do remorso.

— Então, a criança morreu ? foram as primeiras palavras que elle difficilmente pronunciou encarando-me com apavoradas feições.

— Não, mas faltou pouco, e quem sabe o que succederá ainda; meu visinho, o que lhe affirmo é que não ha de acontecer outra; vamos, trate de se levantar de ahi, que já estão á sua espera na cadeia.

— Para a cadeia? que diz o sr.? para a cadeia? Eu estava assim embriagado, não soube o que fiz, eu...

— Pois é para que se não torne a embriagar, para tomar sentido no que faz, para ser bom marido e bom pai, e tambem para ser bom visinho, que ha todas as noites reboliço na rua por sua causa, é por tudo isto que você está preso.

— E quem me prende? perguntou elle com modo meio incerto.

— Eu, tem pouco que ver; e vamos, despache-se.

Ante o meu tom firme, sereno, resoluto, o carpinteiro deixou pender a cabeça, encostou-se á parede, tremulo e prostrado. A mulher, que julgara a principio ser aquillo uma simples ameaça, vendo-me agora insistir, acreditou tambem na realidade da scena e pedia-me que largasse o marido, que indo para a cadeia ficava ella e a filha sem pão; na sua angustia pretendia mesmo desculpar o marido... aquillo passava, a ferida da criança estava curada, elle com certeza não tornava a embriagar-se... a pobre mulher desfazia-se em lagrimas.

—Pois bem, façamos um contrato. Você não vai para a cadeia, mas tambem não torna a entrar na taverna.

— Juro !

— Não jure, basta dar-me a sua palavra ; um homem, se é homem de bem, dá a sua palavra, e isso basta.

— Pois dou a minha palavra.

— Bem ; agora ontra cousa. Você ia á taverna beber, jogar, conversar lá com os pandigos seus amigos. Quanto gastava você ?

— Eu sei lá ! Olhe hontem pagou o Pedro tres tostões, hoje paguei eu outros tres, ámanhã paga o Manuel, e a despeza anda sempre pela mesma.

— E quantos são os socios ?

— Tres, só tres.

— Então tem pouco que vêr. Você gasta um tostão todas as noites. Ora d'aqui em diante todas as noites você ha de dar-me um tostão.

— Já entendo, é para ir juntando, disse a mulher.

— É. Mas ainda não ficamos aqui. Você vem para casa todas as noites e póde trabalhar o seu bocado de serão, assim em arranjos de casa. Olhe, a pequena não tem berço...

— Já eu lh'o tenho pedido não sei quantas vezes...

— Oh ! mulher, eu não posso lá na officina estar com essas bugigangas.

— O visinho tem razão, sr.ª Anna, disse eu ; o visinho tem lá muito que fazer.

— Está visto que tenho...

— E depois tem que ir para a taverna, e depois

vem para casa embriagado, bem vê que não tem tempo para bugigangas.

— Pois verá, deixe estar, a pequena ha de ter o berço.

— E depois do berço póde trabalhar n'outras cousas de sua casa, que lhe falta muito ; e até trabalhar por sua conta em certas obras. Mas tome sentido. Você é homem de trabalho e precisa beber vinho ; mas beber com conta e medida e em casa, não precisa ir á taverna ; do tal tostão um vintem será para o vinho da ceia. E se gostar de conversar, ali o visinho sapateiro e o serralheiro e suas familias que são pessoas socegadas...

— Esses querem ser fidalgos, nunca fizeram caso cá do pobre Marcos.

— Nunca o estimaram por você ser bebado ; então quem estima bebados ? só os outros bebados. Se você fôr bem comportado, não frequentar as tavernas, não fizer bulhas, não bater na mulher, não a deixar padecer fome e frio, e não quizer matar a filha, já todos o hão de estimar e procurar a sua companhia. Ficamos justos ?

— Ficamos justos : palavra de honra.

* * *

Alguns mezes após aquella noite, e tambem noite, noite fria e chuvosa de dezembro, ouvi de novo la-

mentos em casa do carpinteiro. Um visinho me disse ter a filha adoecido gravemente e ainda para maior infelicidade n'aquella mesma noite o pobre artista cahira na cama devorado pela febre.

Entrei e encontrei Anna cheia de afflicção.

— Que ha de ser de nós, murmurava ella, não bastava a doença de minha filha, adoece meu marido e sabe Deus quantos dias durará isto, sem ganhar cousa alguma; valha-me meu visinho, diga-me que hei de eu fazer.

Soceguei-a ou antes tentei dar-lhe alguma quietação, sahi e em breve voltei com o medico. Ambos os enfermos estavam graves.

— Vá, disse eu á mulher, á botica com essa receita e traga os remedios que ella indica.

— E o dinheiro? perguntou Anna indecisa.

— Vá, não lhe dê isso cuidado, ninguem lhe pedirá dinheiro.

Quando voltou queria ella beijar-me as mãos, a pobre mulher não sabia como agradecer.

— Nada tem a agradecer-me, visinha, a não ser o ter eu concorrido para que seu marido deixasse o antigo modo de vida; eu lhe digo; o seu Marcos é agora socio do monte-pio e como tal tem direito a facultativo, remedios e até a um subsidio diario de doze vintens emquanto estiver enfermo e convalescente.

A mulher não podia crer.

— E quem paga depois a esses senhores?

— Ninguem lhe pede dinheiro, esteja socegada. O seu homem e outros socios do monte-pio, que são muitos, pagam todas as semanas uma certa quantia insignificante em comparação da féria que recebem, e é de todas estas quantias juntas que o monte-pio paga ao medico, á botica e os subsidios.

Na convalescença do Marcos tive com elle larga conversa a este respeito, tambem lhe custou a entender bem.

— Eu fui uma vez convidado a entrar para isso, dizia-me elle, mas alguem me disse que os taes senhores do monte-pio eram uma sucia de especuladores que se fazem amigos cá do povo mas só para nos roubar e para influirem nas eleições.

— E quem lhe dizia tal?

— Os meus amigos d'antes, respondeu contrariado.

— Ah! lá os freguezes da taverna! bem vê agora que era simplesmente uma opinião de bebados, que não póde nunca ser muito certa e justificada.

* * *

Mas a minha grande victoria foi hontem. Entrei de manhã e a mulher esteve, como costuma, a contar-me as cousas de casa, as graças, os ditos da filha, os ultimos trabalhos do marido; e eu na conversa fui vendo quaes as primeiras necessidades da

familia. Á noite depois do carpinteiro ter recolhido, bati á porta e entrei.

— Olá! o sr. visinho, por aqui a estas horas? que formidavel trouxa que vocemecê traz?

Desfiz a trouxa e appareceram um cobertor, e alguns metros de panno de linho e de estamenha. Anna apreciava cada uma das cousas.

— Oh! que bom panno de linho, a como custa? quem m'o dera para os lençoes da pequena; e este patente dava bem para duas camisas do meu homem. Ah! que boa estamenha para uma saia!

N'isto bateram á porta.

— Quem será a estas horas?

— Quem é?

— Abra, senhora. Não mora aqui o sr. Marcos, carpinteiro?

— É aqui, é.

— Pois deixe-me entrar; isto manda lá o patrão, e o homem entrou com uma commoda de pinho ás costas.

— Mas isso não é para cá, homem, disse Marcos.

— Ora essa! então como se chama o senhor?

— Eu sou o tal carpinteiro.

— Pois então é para cá, e poz a commoda no chão.

— Nada, aqui ha engano, dizia a mulher boquiaberta.

— Pois haja ou não haja, eu deixo ficar a commoda, e o moço sahiu.

Ainda Anna não dera volta á chave quando appareceu outro homem.

— Não é aqui a morada do Marcos, carpinteiro? aqui está isto que é para elle: e o segundo moço poz no chão um sacco com arroz e outro de caffé.

— Mas isso é caçoada, ou bruxaria, disse o carpinteiro.

— Qual bruxaria nem meia bruxaria! Olhe quem comprou isto foi este senhor que está aqui sentado, disse o moço que me havia reconhecido.

— Ah! agora entendo, é mais um favor do visinho, murmurou Anna sorrindo-se.

— Pois não é caçoada, nem bruxaria, nem mesmo favor; é simplesmente o dinheiro de seu marido. Tudo isto que vê, o panno, a commoda, tudo; e na sua doença os soccorros que teve, tudo é do dinheiro do seu homem, do dinheiro por elle ganhado com o seu trabalho e o seu suor, e que todas as noites trocava d'antes por mau vinho, má companhia e mau viver. Tudo isto obtive com o tostão que elle me dava por dia de trabalho. Tudo isso e muito mais do que isso deixava elle d'antes na taverna; e mais deixava ainda, porque deixava a saude, o socego, o bem-estar da familia e a dignidade de homem honrado.

HISTORIA DE UM ESTUCADOR

Historia de um Estucador

Bem desejava eu descrever minuciosamente os primordios do meu heroe estucador, mas infelizmente faltam os documentos mais precisos para caracterisar a infancia de Braz da Costa. Assim não posso elucidar e satisfazer a justa curiosidade do leitor sobre os parentescos, as primeiras manifestações do genio artistico, e outras circumstancias que tamanha attenção merecem a biographos e historiadores ; nada consta, nada se sabe. O escriptor do Genesis cortou perfeitamente as grandes questões que têem eternamente enleiado o perscrutador espirito humano, as questões das origens, com a celebre frase «No principio criou Deus o céu e a terra», e basta, e nada mais ha que ver. A biographia de Braz da Costa começa necessa-

riamente com o assento do baptismo, que pouco mais ou menos reza assim: — N'esta freguezia da Sé de*** aos 3 dias de fevereiro de 1845 foi baptisado Braz, exposto. — Sabe-se mais que foi entregue a uma certa Christina; e seria aqui de maximo interesse saber quem fosse esta mulher, seu genio e prendas e modo de viver: nos documentos escriptos pouco resta; — eu espero que o leitor acredite nos meus aturados trabalhos para a verificação de todos estes dados, embora não empregue aqui certas expressões de biographos de cunho — o pó dos archivos —, a critica moderna — a exegese dos documentos, etc. —; consta tão sómente que era casada com um carreiro, que morava ora n'uma ora n'outra viella escusa e que durante quinze annos foi ama de expostos, tendo-lhe morrido mais de vinte das crianças recebidas. Infelicidade já se vê; provavelmente entregavam-lhe crianças já moribundas; que a dizer a verdade, a avaliar pelas estastiticas da localidade de que fallamos parece ter grassado uma epidemia particular dos engeitados, uma singular morrinha do outro mundo, pois por muitos annos regulou a mortalidade por uns oitenta por cento; de modo que das mil e duzentas crianças entradas na roda n'um periodo de dez annos haviam fallecido novecentas e sessenta e viviam apenas duzentas e quarenta. Epidemia, singular epidemia, com certeza, pois falta de cuidado e tratamento, ou antes inaudita barbaridade e estupidez não

parece justificar-se; havia n'aquella localidade um vereador com o encargo especial de velar pelos expostos, e mais um facultativo e mais um empregado especial para o mesmo fim. Havia tambem um administrador de concelho que na nossa admiravel organisação é uma auctoridade de multiplas e variadas applicações, sujeito que deve metter o nariz em toda a parte, e ter mais vigilancia que Cerbero e mais actividade que Hercules... havia tudo isto na dita localidade e assim não é crivel que as pobres crianças morressem de fome, de incuria, de frio, de maus tratos, e melhor é admittir a morrinha do outro mundo. Verdade é tambem que se dermos ouvidos á tradição oral, o vereador tratava dos seus negocios e nem mesmo sabia qual era o seu pelouro; o medico, pessoa muito activa para os figurões que bem pagavam, nem uma vez se importava com os miseraveis organismos, vivendo a maior parte d'elles em pocilgas e casebres immundos, que tanto offendiam o delicado olfato e apurado gosto do doutor; e se alguma vez o apoquentavam muito lá ia a casa da ama, de passagem, não entrava, e mesmo da porta examinava a criança e receitava umas papas ou cozimentos quaesquer, dizendo sempre — isso passa, isso não é nada: — e quasi sempre d'ahi a dias passava o exposto muito quietinho com a sua grinalda de flores de trapo já mui velhas, caminho do cemiterio; o tal empregado, ás vezes, por occasião do pagamento das mensalida-

des, reparava n'uma ou n'outra criança enfezada e amarella e recommendava á ama que no mez futuro a apresentasse melhor. E a morrinha continuava fatal a ceifar as nascentes forças. Nascentes forças! Fossem lá dizer ao vereador, ao medico, ao empregado, ao administrador — se d'essas novecentas e sessenta crianças só metade escapassem, a população seria hoje maior, maiores os meios de progredir; seriam mais de quatrocentas e tantas actividades, e quem sabe quantos d'esses corpos enfezados e inutilisados pela miseria e pela incuria poderiam no futuro alojar espiritos bons e proficuos á familia, á sociedade? — Palavrões! diriam logo em côro as citadas pessoas, todas, já se vê de muito peso e respeitabilidade, cheias até de dedicação pelas formulas, constantemente preoccupadas de — salvar as apparencias —, mas ignorantes rasas da essencia; porque para parte d'estes sujeitos o cumprimento dos cargos está no desempenho regular de certas formalidades, na justa applicação das determinações superiores — e os que isto fazem não são muitos — sem attenção alguma pelos outros deveres que nascem da rectidão consciente, quando não seja dos dotes da alma e do coração.

Entremos porém na nossa historia, deixando esses obscuros primeiros annos do artista. Viveu, resistiu, o que é já notavel e mostra a sadia e rija constituição da criança. Teria elle uns seis annos quando a ama, a tal Christina, falleceu, e uma visinha d'ella,

pobre velhota, tomou a seu cargo o rapazote; começou então para este uma vida nova incomparavelmente melhor que a anterior. A velhinha não batia. Antigamente quando elle fazia um golpe, sentia uma dôr, ou fome ou sêde e se queixava obtinha como resposta e consolo um bom açoute, e se ousava erguer o choro novas pancadas o obrigavam a moderar-se, mudando o grito do choro na convulsão do soluço.

Morava ella, a pobre velhota, em mal reparado casebre, em sitio bem escuso e sósinho. Duas casas de telhavã, uma com porta para a rua, outra deitando para um quintalejo, com seu poço e toscos alegretes. Ali continuava a pobre mulher a sua vida triste. Triste? Dizem os moralistas e muitos grandes philosophos que onde melhor se patentea a alta sabedoria e o muito poder de Deus é nas maravilhas da criação, na prodigiosa variedade de fórmas, de meios, de fins, de instinctos que a cada passo se topam na accidentada superficie da terra; por toda a parte bellezas, inimaginaveis harmonias; elles não vêem a lucta formidavel travada entre tantos seres, lucta eterna; não vêem a crueldade de uns que se saciam apenas na morte dos mais, nem a miseria das larvas; não vêem, tanto os deslumbra o colorido das petalas e das plumagens, os apparelhos da destruição, as garras, os tentaculos, as mandibulas, presas, rostros, serras, babas venenosas. E a cada passo se encontram

todavia e sempre em actividade, sempre no improbo trabalho de transformar a vida na morte, esta na corrupção, d'onde de novo se ergue a vida, singular circulação que já desesperava o profundo pensador do Coheleth — nada ha de novo na face da terra —; singular phrase que a sciencia moderna altera porque sabe que não estaciona a terra, que ella mesma se transforma, e que no espaço giram embryões e cadaveres de mundos. Onde talvez mais e melhor se manifesta a tantas vezes indecifravel acção da incommensuravel consciencia, infinito de paz, justiça e bondade que tão bem conhece d'onde partem e onde tendem todas as causas é nos mysteriosos estados das almas tão livres e incoerciveis entidades, tão verdadeiras filhas do superior immanente que nada lhes estorva os impetos, que sem custo se erguem sobre o ambiente como d'um só vôo a cegonha ou aguia se elevam ás altas regiões da luz viva e das puras aragens. Lei singularissima manifestada por vezes em admiraveis successos, no brusco baquear das iniquas edificações, singularissima nas brigas e desconsolos dos grandes, embuscados nas felizes apparencias, nas escuras dilacerantes horas do remorso, e na serenidade santa, no intimo contentamento dos singelos, sempre affaveis espiritos que na terra só encontram os improbos trabalhos. Triste? ella vivia na pobreza, na debilidade da velhice, o coração cheio das saudades, das ha muito passadas primaveras, e todavia meiga e serena,

com um sorriso de bondade a pairar-lhe constante por entre os labios já tremulos e descorados. Que sentiu ella ao vêr a pobre criança muda e inerte perante o cadaver da outra miseravel? Que angelica musica lhe vibrou as intimas fibras do coração?

— Vem para minha casa, disse a velha, singelamente, e a criança seguiu a pobre. E assim começou a vida nova.

Muitas vezes, logo pela manhãsinha, nas frescas madrugadas da primavera, sahiam do casebre velha e criança e iam caminho do mato; ahi passavam o dia, recolhendo ao cahir da tarde, vergando sob os feixes de raizes, estevas e alecrim; ella, a boa velhota, curvada, tremula e rija ainda para os seus setenta invernos; elle, criança agil e lesta, contente e palrador, brincando com o seu feixe de aromaticas plantas; o occaso e a aurora caminhando a par.

— Estou criando agora o meu bordão, dizia ella, alludindo ao rapazote.

—Rapazes, rapazes! dizia-lhe uma visinha, criam-se com trabalhos e respondem tantas vezes com ingratidões!

— E se assim fôr? replicava a velha Agueda, que tem isso? Deus verá depois qual de nós andou bem e dará a direita ao justo e a esquerda ao mau. Eu tenho uma grande ambição, é poder dizer quando o Senhor me chamar a si — se fiz mal foi por ignorancia.

E pouco a pouco a um canto do quintalejo se foram amontoando as raizes das urzes, as seccas varas das vides, os gravetos achados aqui e ali pelos matos e carreteiras ; e n'um humilde pé de meia as moedas de dez réis que os molhos de alecrim rendiam.

— Arrecadar, dizia a velhota quando Braz, boquiaberto, via tirar da arca a singular bolsa e depositar religiosamente as taes moedas, arrecadar porque depois vem o inverno, o frio e a chuva, então as raizes hão de dar-nos calor e o dinheiro servirá para o café e assucar, que tão bem nos ha de saber.

Braz ia crescendo, desenvolvendo-se a olhos vistos ; como o cizirão, criado na escuridade, cresce fraco e estiolado, e bastam depois alguns dias de exposição á santa luz do sol para que elle erga as suas delicadas hastes e estas tomem a sua natural côr verde, assim a criança enfezada no seu antigo viver agora se regenerára em mezes, ao amarellado do rosto succedera o mimoso rubor, a irritabilidade nervosa desapparecera, os membros fortificavam-se, o espirito desabrochava sem bragas agora, na pacifica convivencia da mãe Agueda.

Chegou o inverno com suas geadas e chuvas e longas noites ; acabaram as caminhadas aos matos. Agueda sahia de ordinario todos os dias, ora para casa d'um bemfeitor, ora para casa d'outro ; por elles promovera uma pequena subscripção e com ella comprára certos arranjos precisos para que o rapaz fre-

quentasse a escola. Pela tardinha voltava ella ao seu casebre e ahi passavam o longo serão ao calor da lareira; ella sentada a um canto na sua tripeça de cortiça, fazendo meia ou dando umas passagens, e o nosso Braz entretido na conservação do lume e assando bolotas no cinzeiro quente, até que aborrecido da tarefa se aconchegava entre os joelhos da mãe Agueda, olhava para ella sorrindo-se, e logo vinha o pedido invariavel:

— Mãe Agueda, conte-me um conto.

Sabia a velha uma immensidade de historias, não faltavam casos estupendos de bruxas, fadas, gigantes e salteadores.

Escusado é dizer como o nosso Braz ouvia os contos, a boca e olhos muito abertos, sem perder palavra, e cheio de commoções nos pontos mais frisantes das historias da mãe Agueda. Mas acabadas as historias surgia como por encanto o implacavel e celebre João Pestana, que mal lhe deixava tempo para engulir á pressa as batatas cozidas da ceia.

* * *

Assim foram deslizando vagarosamente os annos para os habitantes do casebre; a velha cada vez mais curvada e rugada, e o rapaz crescendo a olhos vistos; ninguem recordaria ao vel-o agora alto e robusto para os seus doze annos, a rachitica criança magra,

pallida e triste a que a mãe Agueda dera o abrigo da sua bondade.

— É preciso, disse ella um dia, tratarmos de te arranjar um officio, tu estás crescido e forte, d'aqui a pouco estás um homem perfeito, e eu... quem sabe?... dia a dia me sinto a minguar. Dize lá, que officio queres tu ter?

— Eu?... eu sei lá!

— Pois é preciso pensar n'isso; nada ha como um officio cá para a gente pobre; é uma fortuna, filho! Muitos rapazes mais amigos de brincadeiras e divertimentos, outros por mandriice completa antes querem certos serviços, ou modos de vida sem nada certo; muitos até vão para criados de servir. Muita gente julga não poder sujeitar-se a um trabalho seguido de sol a sol. Tudo vae do costume. A principio, nos primeiros mezes, custa talvez muito, fica-se cançado, muito cançado no fim do dia, sentem-se dôres, muitas horas de enfado. É continuar, os braços, o corpo costumam-se depois ao movimento regular, e o que d'antes cançava chēga depois a ser preciso para a gente se sentir bem. Pensa, vê lá qual o officio que mais te agrada, não serei eu que force je para seres carpinteiro se tu gostares mais de ser serralheiro; segue lá a tua vontade, escolhe.

— Ora diga, mãi Agueda, quem faz as casas, as paredes, as chaminés, são os pedreiros, eu quero ser pedreiro. E quando eu fôr pedreiro e já souber o meu

officio hei de concertar o telhado e a chaminé ; olhe, até hei de fazer umas fornalhas. Eu quero ser pedreiro.

— Então é para arranjar a minha pobre casa que tu desejas ser pedreiro ?

— Pois está visto. Olhe, até hei de fazer uma casa melhor.

— Ai ! meu Braz ! bem disse eu, estou aqui arranjando o bordão dos ultimos dias, mas quem sabe se eu chegarei a ver-te um bom official, eu que já estou a bem dizer com os pés na cova.

— Não diga isso, ainda ha de viver muitos annos ; ainda ha de ver-me official. E quando vou para o officio ?

— Amanhã fallarei ali ao mestre Felix, e veremos se elle lá te quer.

No dia seguinte, que era domingo, a velha, acompanhada do rapazote, foram a casa do mestre, que acceitou o nosso Braz.

— Agora, disse mestre Felix, ha falta de serventes, e tenho ahi n'uma obra bom trabalho para o rapaz; vae carregando terra, cousa que pouco custa, e ganha os seus seis vintens por dia ; e se fôr bom rapaz, se apparecer ás horas, ficará sendo meu servente para sempre.

Não cabia o nosso Braz em si de contente, e mais ainda ficou quando a mãe Agueda foi ao pé de meia e tirou das economias dos molhos de alecrim alguns

tostões e com elles lhe foi comprar um par de sapatos novos.

— No fim da semana já tu tens ganho mais que este dinheiro todo, e por isso não tenho medo agora de me faltar o cafésinho no inverno.

Na segunda feira, logo pela manhãsinha, o nosso Braz, muito contente, ainda que um tanto incommodado com os sapatos novos, foi para o trabalho; andavam lá outros rapazes como elle; d'ali a pouco, quasi de brincadeira, andava com seu carro de mão transportando terra. Abriam-se as vallas para lançar os alicerces d'um grande edificio. Os trabalhadores cavavam os caboucos e a terra era levada para certa distancia.

Era para vêr a excitação quando na noite de sabbado tocou a sineta para se reunirem todos a fim de receberem os salarios. Os trabalhadores, os alvaneos, os carpinteiros, os canteiros, serventes e aprendizes todos emfim ali estavam para receber a féria. Chegou, depois d'uma boa hora, a vez do nosso Braz; tirou o chapéo e approximou-se da mesa, sobre a qual, em muitos montões, estavam os salarios.

— Pegue, lhe disse o mestre.

O rapaz estendeu a mão, mas os dezoito patacos mal cabiam, e teve que ajudar com a outra mão. Dezoito patacos! tanto dinheiro! Elle o pobre estava costumado a ver a mãe Agueda juntar dez réis a dez réis as suas economias; poucas vezes até tinha visto

patacos. Por isso, com alvoroço immenso, entrou em casa e lançou no collo da velha o dinheiro ganho com o seu trabalho. E ficou parado, ante a mãe Agueda, e quasi confuso recebendo as caricias e parabens da boa velhota.

Continuaram aquelles trabalhos ainda por muitas semanas; muitos dos rapazes tinham sido despedidos; Braz continuava sempre pontual e trabalhador, tanto que até por vezes alguns companheiros o caçoavam pela sua diligencia; mestre Felix porém reparava no rapaz e logo no erguer dos paredões o metteu como servente para transportar tijolos e cal, e finda a primeira semana do novo trabalho veiu Braz todo ancho com o seu quartinho no lenço;— no lenço, porque, dizia elle com certo orgulho muito interessante, os patacos estragam-me as algibeiras.

Continuou a grande obra com varias vicissitudes, durou muitos mezes, no fim estava o nosso Braz um bom servente com seus tres tostões por dia. Não tinham corrido sem espinhos os dias do trabalho; pela sua actividade e pontualidade havia excitado por muitas vezes graçolas e maus modos dos companheiros. Havia entre estes alguns extravagantes, ainda que bons e habeis trabalhadores, outros que nem eram bons trabalhadores e reuniam a preguiça, a falta de pontualidade e a vida irregular; havia mesmo um ou dois a quem a feria recebida na noite de sabbado mal chegava á manhã de segunda feira; e como se

poderá trabalhar bem, ter o corpo e o espirito bem dispostos para um dia de fadiga, tendo passado em claro as noites, em passatempos e excessos que obscurecem o espirito e quebram o organismo?

Ora eram estes exactamente os mais trocistas e zombeteiros do rancho; perseguiam de motejos o nosso Braz, que por seu genio socegado mal respondia, considerando-se bem compensado quando os via no sabbado receberem quando muito metade da féria, ou cambaleando pelas ruas ou em mutuas rixas ou desavenças.

Acabou aquella obra e seguiu-se logo outra tambem correndo por conta do mestre Felix, que levou comsigo o servente Braz. Era esta obra de vulto, construcção de celleiros, adegas e casas de habitação, para o que se aproveitavam tão sómente alguns paredões do velho edificio. Braz ganhava já o salario de dezoito vintens; já não tinha receio de subir as escadas de mão com uma duzia de telhas á cabeça, nem de seguir com ellas pela fileira do telhado. Estava um bom servente; o trabalho robustecera-o mais, e os seus quinze para dezeseis annos estavam cheios de juvenil vigor. Foi por estes tempos que n'um sabbado á noite, por occasião da ceia, elle disse á velhinha;

— Mãe Agueda, traga-me cá o mialheiro. Era um mialheiro de barro, que comprára havia mezes, e onde guardava as suas economias. Trouxe-o a velhi-

nha, elle quebrou-o com o cabo da faca e sobre a toalha da mesa espalharam-se uns quatro mil e tanto réis em moedas differentes.

— Já chega, disse elle alegremente.

— Já chega? já chega para quê? Vaes comprar um fato novo?

— Qual! já chega para a obra.

— Qual obra?

— Ora, a obra da nossa casa; com este dinheiro já eu posso comprar umas duzias de telhas e adobos e trez ou quatro barrotes para remendar o telhado e para arranjar o chão, que está ahi cheio de covas. Já ámanhã metto mãos á obra.

— Viva, sr.ª Agueda, dizia no domingo uma visinha, está isso muito em cima, vae ter obras em casa...

— É verdade, visinha: cá o meu Braz tinha n'um mialheiro as suas economias, e eu julgava que eram para comprar um fato novo; mas não senhora, o rapaz não é lá muito de tafularias. Pois hontem sahiu-se com esta, quer arranjar a casa, aos domingos. Bem dizia eu que estava arranjando o bordão dos ultimos dias. Lá verdade, verdade, olhe visinha que eu nunca pensei que fosse tão bom rapaz; foi uma hora santa aquella em que o trouxe para casa; mas então se eu não podia vêr a criança assim abandonada e talvez em risco de cahir nas mãos d'outra furia! ai! pobre criança, muito padeceu. Pois, se-

nhora, levantou-se logo de madrugada e já fez quatro caminhos para o telhal: foi agora buscar arêa, e diz que ainda hoje fica o telhado remendado. Elle ahi vem, elle ahi vem.

— Agora basta de trabalhar, Braz, já tenho o almoço prompto.

— Já almocei.

— Já almoçaste? ora essa! então onde almoçaste?

— Ora, comprei ali n'uma tenda pão, queijo e maçãs, e tenho almoçado pelo caminho. Agora vamos á obra. E de feito, ainda não haviam soado as trindades e já o telhado estava prompto; tapadinho todo que era um gosto. A mãe Agueda andava de mão sobre a testa a olhar, a olhar muito admirada por não vêr já nem sequer uma fendasinha. E no domingo seguinte ficava prompto o ladrilho, e no outro o poial dos potes e a fornalha da chaminé. A velhota não cabia em si de contente.

Por estes tempos deu-se um facto que muita influencia teve na vida de Braz.

Estavam no tal predio construindo um celleiro vastissimo, que devia ser coberto por abobada. Era o celleiro muito irregular na largura. Precisava-se de tres cambotas para assentar os arcos, e deviam ellas ser de differentes comprimentos e por consequencia de curvas mais ou menos abertas. Mais d'um dia gastaram os mestres pedreiro e carpinteiro a riscar e a marcar o comprimento das vigotas, barrotes

e taboas que deviam formar os simples. Fizeram-se as cambotas, e quando as ergueram viram que das tres uma apenas estava certa, das outras peccava uma por comprida, outra pelo contrario. Apeiaram-se de novo e muitos dias de trabalho foram precisos para as pôr a direito, com grandes zangas dos mestres e tambem do dono da obra. Por esta mesma occasião, n'outra abobada, houvera egualmente irregularidades, perdendo-se muito trabalho, por defeito do risco. Estes factos, que muitas vezes se repetiram, dando sempre perdas de trabalho e dinheiro, fizeram impressão no espirito do servente.

Recolhia elle uma noite para casa pensando n'este assumpto, e encontrou uns rapazitos que, com suas pastas e livros, seguiam pela mesma rua. Entre elles ia um conhecido de Braz, por ser sobrinho do mestre; fallou-lhe.

— Então onde vae a estas horas?

— Vou para a escola.

— Agora de noite?

— Pois bem. O meu professor quer que eu faça exame e como ando ainda atrazado vou tambem á escola nocturna.

— Que leva ahi n'essa pasta?

— É papel de desenho e o compendio.

— Deixa-me vêr, faz favor?

— Olhe, sr. Braz, venha aqui para debaixo d'este candieiro.

Braz abriu o compendio de desenho e começou a ir de surpresa em surpresa; ali viu desenhadas linhas rectas e curvas, angulos e circulos, ellipses e parabolas, espiraes e parafusos, pyramides e cylindros, columnas com suas bases e capiteis, portas e grades e edificios inteiros. Levou tanto tempo que o pequeno, já impaciente, disse-lhe:

— Ora, sr. Braz, eu tenho pressa; se quizer vêr venha á escola.

— E se eu lá fosse?...

— Se lá fosse? ora essa, se lá fosse... então que tinha isso? Lá vão outros já crescidos, já homens como o senhor.

— Sim, mas vão bem vestidos, são ricos e pagam ao mestre...

— Qual historia, homem! Tambem lá vão artistas, e não pagam; quem paga é o governo, ou não sei quem; elles não pagam, isso sei eu.

— Pois sempre vou: e acompanhou o rapaz.

D'ahi a minutos entrava o servente de pedreiro na escola nocturna e fallava ao professor. Ensinava este ali instrucção primaria e desenho. Recebeu muito bem o nosso Braz, deu-lhe quantos esclarecimentos quiz e logo o matriculou.

N'essa mesma noite, com grande surpresa da velha Agueda, se partiu o novo mialheiro.

— Olha que ainda não pódes ter bastante para o fato novo...

— Não é para fato novo...

— Então para que é, rapaz? has de andar sempre com esse fato, já está com uns poucos de remendos; tu não te envergonhas?

— Ora deixe lá essas coisas. Ainda de esta feita não compro fato novo, mas, descance, ahi em segunda mão hei de arranjar calças e jaqueta. Agora trato d'outro negocio.

— E não me dirás o que é?

— Vou para a escola nocturna...

— Para quê? tu sabes ler e escrever...

— Mas preciso saber mais; quero saber contar bem, para depois se um dia chegar a official e mestre não estar a matutar um dia inteiro para fazer as folhas; os que as fazem, que elles na maior parte pedem a outras pessoas para lh'as fazerem; isso é que é vergonha. E não é só para fazer as folhas; é para tudo, para medir, pesar e pagar. E depois quero aprender desenho tambem.

— E deixas de ir ao trabalho?

— Não senhora, descance e escute. Acabo o trabalho e vou logo para a escola; é mesmo a uma hora famosa; depois venho para a ceia. Agora de inverno então, em que os dias são pequenos e os serões tamanhos, cae mesmo como a sopa no mel. Fico sem fato novo, que tem isso? remedeio-me ahi com um fatinho em segunda mão e compro os livros, papel e estojo.

— Ai! que rapaz este! que rapaz! lá vae agora gastar o dinheirinho em livros e papel e nada d'um fatinho novo! Emfim, faze o que tiveres na vontade, Deus te fade para bem, filho!

E fadou, por tal signal que passados cinco mezes era o nosso Braz classificado na escola como o alumno mais adiantado tanto nas contas como no desenho.

O professor da escola nocturna era o professor publico de ensino primario, a quem a camara dava uma gratificação por este acrescimo de trabalho. Homem paciente e methodico, possuia elle as qualidades precisas para desempenhar regularmente as suas proveitosas funcções; a falta, porém, de animações, o total abandono a que o haviam condemnado, tivera como resultado o cair pouco a pouco n'um certo ram-ram, no indifferentismo, cousa que tudo abafa e estraga entre nós.

Eu espero da benevolencia do leitor desculpa para estas minhas tão repetidas divagações; é possivel que a muitas pessoas ellas pareçam enfadonhas e mal cabidas; ouso eu todavia alimentar a esperança de talvez estas linhas excitarem a attenção para estes assumptos de certas intelligencias e actividades; e ainda que mui limitado fosse o beneficio d'ahi resultante, seria elle farta recompensa do meu trabalho.

Uma das cousas que entre nós esteriliza e esmaga as boas vontades é o indifferentismo; sem passar se-

quer as extremas do nosso assumpto encontramos nós a cada passo exemplos de tal affirmativa. Ha indubitavelmente no professorado primario boas vontades e regulares intelligencias, mas quem faz caso do homem habil e trabalhador, quem o destingue, o considera e anima? Ninguem visita a escola; mesmo as pessoas que pelos seus cargos o deviam fazer não o fazem e se o fazem é por mera formalidade, uma vez na vida, sem a cousa alguma prestar attenção. O professor vendo-se abandonado cae infallivelmente na rotina, perde gosto e vontade, não trata de augmentar a propria esphera.

Isto se dera com o professor de que fallamos. Na escola nocturna estavam matriculados alguns rapazes e apenas uns dez adultos, e d'estes poucas vezes se reuniam na aula mais de cinco. Aprendiam instrucção primaria e desenho, e será especialmente ao ensino do desenho que consagraremos algumas linhas. É inquestionavel a utilidade do desenho para as artes: a cada passo se torna preciso, indispensavel; a latoeiros, a carpinteiros, a sapateiros, serralheiros e canteiros, a todos emfim é util o desenho; muitas vezes obtêem elles por tentativas resultados notaveis sem saber desenho; a perfeição nunca a attingem, e demais o alcançar um certo resultado por tentativas inclue claramente a perda de tempo, de trabalho, de material.

É preciso ainda que o desenho ensinado em taes

aulas seja applicado restrictamente ás artes. Ha certos elementos communs a todas ellas, todos precisam saber traçar o circulo, a ellipse, a espiral, mas sabido isto cumpre conhecer as applicações especiaes que se vêem nas edificações, nas mobilias e utensilios, nos ornamentos, nos machinismos. Para conseguir isto é preciso que haja nas aulas collecções completas de desenhos, e em que aulas as ha? Julgam alguns que nada d'isto é indispensavel — a dizer a verdade os nossos pobres artistas mesmo julgam em grande maioria perfeitamente dispensavel o desenho —, que é mesmo possivel satisfazer plenamente ensinando aos rapazes desenho de figura e payzagem: e assim logo que lhes apparece algum revellando natural aptidão entretem-no fazendo bocas, narizes, olhos e orelhas, e por fim bonecos, com grande satisfação do rapaz e da familia; ou então umas arvores duvidosas e uns barquinhos, desenhos que têem demais a vantagem de se prestarem ao exame do vulgo. Julgam ainda que em se sabendo desenhar um rosto de perfil ou a tres quartos se está apto para qualquer outro desenho; outros têem mesmo um singular desprezo pelo compasso e tiralinhas; enganos completos, erros funestissimos. O desenho tem muitas vantagens; não é apenas o fim d'este ensino o dar á mão certa facilidade e firmeza, o habituar a vista a achar proximamente as mutuas relações das parcellas diversas d'uma figura; o desenho linear leva ao espirito do

artista a idéa do perfeito acabamento, da medida exacta, da rigorosa comparação ; e o desenho das especialidades tem então a singularissima vantagem de apresentar ao artista os modelos, os typos das mais perfeitas construcções. Assim dando ao artista um exemplar d'uma casa completa, com sua planta, alçado e cortes, não só elle aprende a desenhar materialmente a tal casa, mas aprende até as minucias da sua construcção ; fica sabendo quantas janellas e portas tem, qual a distribuição interior, as suas dimensões reduzidas ali no exemplar segundo uma determinada escala ; póde saber até quantos degráos têem as escadas, quantos barrotes os telhados, quantos vidros as janellas, quantas taboas os sobrados, quantos metros de tabique e estuque e fasquiado e alvenaria têem as paredes e os tectos ; póde emfim ter idéa perfeita de tal construcção, póde fazer-lhe um orçamento muito approximado. E o que se diz d'este exemplar póde egualmente dizer-se dos exemplares de machinas, de moveis, de instrumentos agricolas, de estradas e pontes, de caminhos de ferro, etc.

Ia o nosso Braz mui contente com as suas rectas e curvas, triangulos e circulos ; uma noite approximou-se o professor e esteve vendo com alguma attenção os desenhos do servente.

— Sim, senhor, isto não vae mal ; vamos agora a vêr se é capaz de fazer isto. E entregou-lhe um exemplar com uns formidaveis olhos. Mais d'uma hora le-

vou o rapaz a rabiscar e no fim apresentou ao mestre dois olhos como os dos barcos de pesca.

— Sim, senhor, não vae mal; você tem geito, disse o professor.

Seguia este homem um pessimo systema em consequencia do tal indifferentismo, molestia singularmente contagiosa, o systema de não emendar, de não trabalhar á vista do alumno: olhava para o desenho, depois para o exemplar e limitava-se a dizer — isto vae bem ou mal —, conforme o via mais ou menos parecido com o original.

Sujeitava-se o nosso Braz ao systema do professor, mas desejoso de chegar um dia ás taes construcções que vira desenhadas no fim do compendio e cançado de fazer narizes e orelhas ousou dizel-o ao professor. Este estranhou um pouco o pedido.

— Quem souber fazer uma cara, dizia elle, sabe desenhar uma casa ou machinismo até.

O rapaz não ousou retorquir.

Mas cheio de vontade aproveitou ainda no inverno algumas horas do serão e mesmo em casa começou a desenhar edificios e utensilios. Á falta de exemplares lançava mão do que se lhe deparava, desenhou as cadeiras, os potes, até o cestinho de meia da velha Agueda; tirou a planta do pobre casebre; com uns vintens comprou uma caixa de tintas com pinceis de penna, e metteu cores nos seus desenhos.

Estes bons desejos de aperfeiçoar-se, coroados de exito, não podiam deixar de influenciar o espirito e as maneiras do rapaz. Desviava-se cada vez mais dos taes maladrins e trocistas que já mencionámos. Choviam sobre elle muitas vezes as pesadas graçolas. Chamavam-lhe o *doutor*; faziam-lhe pirraças engraçadissimas, sumiam-lhe os livros, rasgavam-lhe os desenhos. Supportava elle com resignação affrontas taes; mas por vezes com que esforço! córou e mordeu os beiços em muitas occasiões.

Estava o mestre Felix com seus officiaes e serventes na grande obra d'uma fabrica de tecidos quando se deu um caso mui desgraçado para o nosso Braz e de que lhe proveiu comtudo grande bem, segundo o ditado «*ha males que vem por bens*». Tratava o mestre e os melhores officiaes de erguerem os muros de solida alvenaria, sobre os quaes se deviam assentar as caldeiras e as pesadas bases do volante, e encontraram-se embaraçados no nivelamento e na determinação da curva do leito da caldeira. Fallavam e questionavam e chegaram ao meio dia sem nada terem resolvido. Braz assistira á questão, mas como era servente não disse palavra. Foi jantar n'um pulo e n'outro voltou e começou apontando com um carvão o leito da caldeira, marcou o eixo do volante e até na parede fronteira o extremo da arvore e n'outra parede a passagem da corrêa sem fim. Voltou o mestre e com elle o encarregado da fabrica, a quem

o mestre contára o seu embaraço. Ficaram ambos admirados de acharem a obra riscada.

— Quem foi? dizia o machinista, inglez rubicundo, ha muito estabelecido em Portugal, onde se regalava de bom sol e bom vinhito, que tantos attractivos tem para os filhos de Albion, embora um grande chimico diga que não são os nossos vinhos agradaveis aos anglos paladares, coisa singularmente evidente nos muitos exemplos que por ahi se topam a cada passo.

O mestre estava embaraçado. Braz resolveu-se por fim a fallar.

— Fui eu, disse elle á medo.

— Vocemecê sabe fazer isto? vocemecê já viu estas coisas?

— Tenho isto desenhado n'um livro, lá em casa.

— Vocemecê é official?

— Não senhor, eu sou servente.

— Vocemecê parece bom rapaz. Senhor mestre, a obra ahi está riscada; é isso mesmo. Agora o que é conveniente é fazer logo a escada para levar a agua á caldeira.

Começaram o mestre e o machinista vendo onde ficaria mais geitoso o deposito e a escada, quando Braz, animado pelo modo franco do inglez, disse:

— A agua podia vir sem ser a braço.

— Como? que diz vocemecê? perguntou logo o machinista.

— O poço fica ali defronte, punha-se lá uma bomba ; aqui da arvore podia partir uma corrêa e com um cano de ferro conduzia-se agua ao deposito sem difficuldade.

— Olá, vocemecê é servente de pedreiro e machinista ?

— Isso é um doutor, se lhe der attenção está perdido, disse um dos officiaes no grupo.

O inglez notou logo o dito do official, e a causa d'elle, e muito claramente disse : «Pois o *doutor* tem razão, e se isso se não faz já é porque importa maior despeza, e não estamos auctorisados a fazel-a».

Mordeu-se o official, sentiu enroscar-se-lhe no coração a terrivel cobra da inveja e do despeito, e encheu-se-lhe o cerebro de negros pensamentos.

Ás trindades, quando saiam do trabalho, andando por um e outro lado arrecadando as ferramentas, encontraram-se o servente e o tal official sobre a parede do volante.

— Vamos, deixe passar, sôo doutor.

— Ora deixe-se de me chamar *doutor*. Eu não os offendo nunca...

— Muito finorio me saiu. Então hoje aproveitou a saida de todos para dar aquella bofetada no mestre?

— Eu não dei, nem quiz dar bofetada alguma ; custou-me vêr que era preciso chamar o inglez para riscar aquillo.

— Você pensa que nenhum de nós era capaz de

o fazer? passamos bem sem os seus conselhos, *sôo* traste...

— Ora não me apoquente; eu bem sei que era capaz de o fazer, disse Braz, deixando escapar um leve sorriso.

— Você ri-se? você está caçoando commigo, sôo tratante?

— O senhor é que está sempre a insultar-me.

Então o official, fulo de raiva, pegou-lhe n'um braço e empurrou-o da parede abaixo. Não era a parede muito alta, mas estavam em baixo amontoados muitos pedregulhos. Braz caiu, gritou, tentou levantar-se e não o conseguiu; tinha partido uma perna.

O official sumiu-se; acudiram varias pessoas, entre ellas o machinista.

— Quem foi?

— Não foi ninguem, disse Braz; eu vinha pela parede, deu-me uma tontura e caí.

— Vocemecê não falla verdade, vocemecê está muito longe da parede; isso não foi tontura.

— Foi, sim senhor.

Embora Braz nada mais dissesse soube-se todavia logo a causa da queda. Levaram-no n'uma escada para casa e por mez e meio esteve elle na cama. A pobre Agueda não fazia senão chorar. Tinha elle todas as noites uma visita certa era a do inglez da fabrica. Captivado pelo modo e boa vontade do ra-

paz se tornára verdadeiro amigo d'elle e valioso protector; largas conversas tinham aos serões; a mãe Agueda é que não gostava muito do machinista.

— Dá-me com o rapaz em doido, o tal inglez d'uma figa, com a sua lingua de trapos; não falla senão em machinas e fabricas, e o rapaz sonha até já em caldeiras e não sei que mais. Ora não ha uma coisa assim!

Uma noite disse-lhe o machinista:

— Deve aprender francez; para um portuguez não tem difficuldades este idioma, póde traduzir-se regularmente com um estudo de mezes, e na lingua franceza encontra livros baratos sobre as artes, livros ao alcance de todas as algibeiras. Em portuguez não os ha. Se quizer ensino-lhe francez.

Braz acceitou de boa vontade e d'ahi em diante passaram as noites estudando francez; o machinista traduzia-o com facilidade.

Logo que terminou o longo curativo arranjou-lhe o inglez pequenos trabalhos na fabrica, onde poucas vezes se encontrava com os outros operarios.

Construida que foi a fabrica e casas de morada do administrador e chefe vieram de Lisboa um pintor e um estucador para a decoração. Como na fabrica não houvesse já obras de alvaneo ficou Braz para ajudar o estucador. Durou tres ou quatro mezes aquella obra, e no fim d'ella o nosso Braz estucava e modelava como o mestre; não só conhecia a per-

feita sazão do gesso, a exacta modelagem das femeas e a conveniente applicação dos ornatos, mas trabalhava já com certa perfeição e rapidez com o canivete no limpar dos cortes, chanfraduras e feitios de palmas e florões. Tanto assim que acabava a obra o mestre estucador convidou-o a acompanhal-o para Lisboa, onde operarios diligentes e habeis encontram sempre trabalho.

Tinha elle muita vontade de ir, mas a idéa de deixar a boa Agueda lh'o impediu. Felizmente appareceram logo outras obras e o antigo servente de pedreiro encontrou trabalho de estucador, com bons e certos jornaes.

Havia em * * * exactamente na sé onde recebera o baptismo, mesmo por cima do pequeno e escuro baptisterio onde tantas e tantas gerações têem recebido a santa agua lustral, um côro muito antigo, cheio de curioso trabalho de talha; ali um artista anonymo da segunda metade do seculo XVI levou annos de paciente trabalho, deixando na traça dos mimosos relevos os testemunhos da sua alta phantasia e poder criador. Não se parece aquelle lavor com a talha que maas posteriormente começou a invadir os templos de Portugal, a talga tão vulgar entre nós, cheia de columnas e frisos entrelaçados de pampanos, por entre os quaes apparecem anjos e cherubins de grossas e vermelhas bochechas; talha sem delicadeza na traça, sem variedade nos detalhes.

O relevo aberto nos altos cadeirados e molduras de carvalho que até certa altura revestem as paredes do côro prima pela extraordinaria e variada concepção; ali apparece o pagão intimamente ligado com o catholico, os personagens mythologicos e os luminares da egreja servem de carytides sustentando os frisos e emmoldurando aqui a submersão do exercito de Pharaó no mar Vermelho, além a lucta de Hercules e o Centauro, acolá um simples episodio rural, ou uma accumulação tão singular de figuras, que mal se percebe a intenção do eximio esculptor.

E nas molduras, nas cornijas, nos frisos, nas bases, por toda a parte os mais variados lavores, os mais caprichosos ornatos.

Estando o nosso Braz um dia na sé admirando a capella-mór, magestosa fabrica de marmore, cuja magnificencia admiravel, mas sem cunho religioso, contrasta singularmente com as altas naves gothicas, tão severas e cheias de mysteriosa magestade nas suas singelas linhas, entrou um grupo de forasteiros acompanhados por um padre.

Eram pessoas de elevada posição social a avaliar pelo trajar e modos, e pelas profundas cortezias do cicerone. Percorreram a sé olhando distrahidamente como quem nada entendia, seguindo com os olhos as indicações do padre, que nada entendia tambem; pararam em face das incripções que não souberam

ler, em face dos lavores que não sabiam avaliar, misturando de vez em quando umas observações e ditos engraçados, notaveis simplesmente pelo disparate. Mas sendo pessoas que usavam fatos de custosos tecidos, chapéos de flexivel panamá e botas de sonoras rangideiras, tudo se lhes mostrou.

Foram ao côro. Braz seguiu-os; muito tempo havia que elle desejava ir ao côro, de que já ouvira fallar, mas nunca se atrevera a pedir tal favor. Abriu-se a porta, entrou o grupo. Braz ficou maravilhado. Tão maravilhado ficou, que logo no dia seguinte procurou travar conhecimento com um dos empregados inferiores da cathedral, e assim durante muitos dias visitou o côro, tirando moldes e desenhos.

Outro meio descobriu elle de estudar e vêr alguma coisa.

No club de * * * havia jornaes illustrados nacionaes e estrangeiros, onde tão grande cópia e variedade de desenhos apparece. Sendo elle chamado ali para ornar uma das salas, exactamente a sala de leitura, viu as taes publicações periodicas; á hora do descanço folheou os volumes e ficou encantado, marchava de descoberta em descoberta; esqueceu-se do jantar n'esse dia. Não podia elle ser socio do tal club, mas acabada a obra adoptou o expediente que tão bom resultado dera na sé: travou relações intimas com um dos criados, e pela manhã, entrava no club, e perdia ás vezes seus meios dias de trabalho copiando para os al-

buns, que elle mesmo brochára, os desenhos de edificações, de machinismos, de payzagens, etc.

Trouxe aqui simplesmente estas minucias para mostrar como o nosso estucador, aproveitando bem os poucos elementos da localidade, conseguiu educar-se no seu officio e fazer-se em breve artista distincto. Não tinha meios para comprar as grandes obras illustradas, mas compensára esta falta lançando mão dos elementos dispersos; e como este fez muitos dos nossos artistas o podem fazer. Habil agora no desenho e na moldagem podia elle corresponder facilmente ás exigencias de quaesquer obras do seu genero. Já algumas pessoas reconheciam a singular aptidão do artista, era chamado e ganhava bons jornaes. Mas para mais era o nosso Braz e em breve appareceu occasião de mostrar quanto valia.

Tratou uma confraria d'uma terra proxima de restaurar a sua capella, e para isto annunciou um concurso; deviam as propostas e projectos ser enviados em carta fechada, com seu annexo lacrado, com o nome do concorrente, que só devia saber-se depois de escolhido o projecto.

Appareceram quatro propostas; eram conhecidos os auctores de tres, já ferviam os empenhos; já estavam, ainda antes de abertas e examinadas divididos os pareceres dos administradores.

Abriram-se emfim no ultimo dia, desdobraram-se sobre a mesa os quatro projectos, e de tal modo des-

toava a quarta proposta, tão bem desenhado estava o projecto de restauração, com tão elegantes ornatos, que era impossivel recusar-lhe a primazia. Ficou approvada por unanimidade. Abriu-se o bilhete lacrado e tomados de espanto ficaram os administradores. O projecto era de Braz da Costa.

Grande celeuma se levantou nos botequins, nos clubs de balcão, depois de tal successo.

—Ha de ficar obra acceiada, tiveram propostas até de engenheiros e vão dar a obra ao estucador.

— Ainda ha quatro annos era servente de pedreiro.

— Mas olhem, notava um mais consciencioso, já viram o tecto da sala de F. ? Está bonito; o homem tem geito.

—Pois, sim, mas a capella é obra de outra monta... etc. etc., ferviam os commentarios e os argumentos de arromba.

Braz apenas fallou com os administradores; metteu-se em casa modelando, preparando-se, dispondo tudo. Uma bella manhã appareceu na egreja com tres officiaes bons e diligentes; n'uma semana estavam as paredes picadas; desappareceram as talhas carunchosas; na outra semana ficava tudo estucado. Começaram então os trabalhos mais delicados; como muitas das modelagens estavam feitas progrediram com rapidez; decorridos apenas dois mezes, a contar do principio da obra, estava prompta a arrematação e surgia a capella n'um estyla a que se póde

chamar gothico florido, com suas altas linhas bem pronunciadas, mimosos e sobrios lavores, pilastras e columnellos terminando em agudos corucheos bem lavrados, as imagens nos seus nichos de bases abertas e arrendadas. Então todos admiraram o bom gosto e a perfeição do artista, todos o applaudiram; chamaram-no para outras obras importantes, e em breve teve com as suas economias o bastante para comprar e arranjar uma habitação regular.

No dia em que n'ella entrou estava a mãe Agueda remoçada de contentamento; parecia ter menos trinta ou quarenta annos; andava d'uma para outra casa examinando, palpando tudo; subia, descia as escadas sem saber porque.

— E pensar agora que fui eu que o amparei, criança e desamparado... tão só, tão triste no mundo, onde começou por encontrar a miseria má, a fome e a sede, o frio sem conchego, o desconsolo e a bruteza...

— Mãe Agueda recorda-se do que lhe dizia aquella nossa visinha?...

— Dizia-me que muitas vezes até os filhos são ingratos...

— E vocemecê que lhe respondia?

— Que era bom seguir a palavra de Christo— faz bem, não olhes a quem —; que era bom ter dó da criança debil, e sem consciencia, sem esperar pela paga do futuro; paga que é certa, porque se não vier

d'elles virá certamente de Deus, virá até da nossa consciencia, satisfeita, bem comsigo mesma, certa de ter feito o bem com desinteresse . . . E afinal saiu certo o que eu dizia, mesmo aqui na terra tenho a paga. . . criei o bordão dos meus ultimos dias. Pobre, velha, curvada, ainda prestei para alguma coisa. . .

— Mãe Agueda é sempre bom semear por um e outro lado ; se o grão cair na terra boa elle crescerá e dará a boa espiga; se cair na má ainda dará o colmo ; se cair sobre a pedra virá a ave do céu e com ella se alimentará !

DEPOIS DE LER UM TELEGRAMMA DE GUERRA

Era primavera suave e viva, cheia de aragens e aromas, n'um paiz accidentado de valles e collinas, cortado de ribeiras, povoado de casaes e aldeias pitorescas na ingenua simplicidade: pinhaes e soutos de carvalhos e castanheiros revestindo de verde avelludado os declives das serras, pequenos hortejos de rectas arestas espalhados entre as bouças de matagal, aqui alvejando nas transparencias das giestas brancas, além rubro pelos elegantes arbustos das urzes. Pela beira das correntes choupos e freixos, alamos e ulmeiros de tons variados desde o cinzento claro quasi argenteo ao mais escuro verde; tudo nascente, florido, borbulhando seiva, tudo animado pelos affaveis murmurios e cicios de arvoredos e regatos, pelos can-

tares das aves mergulhadas na espessura das folhagens, ou voando em bandos, descrevendo caprichosas curvas no puro azul do ar.

Luz, vida, alegria e trabalho na divina natureza! E nas aldeias, nos casaes, pelas agras e pelos campos a solidão; o pavor, a expectativa angustiosa nos poucos habitantes que restavam, nos pobres que responderam — que importa morrer, — quando a multidão dos fugitivos lhes aconselhava o exilio. Os arados detidos nos sulcos a meio rasgados, as portas abertas deixando vêr a nudez das casas, o isolamento dos lares; porque no meio da divina natureza os homens andavam em guerra.

Regimentos, esquadrões, baterias de campanha, de montanha, de metralhadoras, carros de bagagens, de ambulancias, furgões de cartuchame caminhavam em longas fileiras pelas estradas; aqui o som baço, pesado, isochrono dos regimentos de infanteria movendo-se em comprida fita ondulante, logo o tropel dos esquadrões nas toscas calçadas, depois o ruido metallico e sinistro da artilheria em marcha onde os grandes sons soturnos dos pesados rodados se combinam com o motim estridente das ferreas correntes oscillantes. Gritos, brados, vozes de commando, toques de clarins e cornetas, o rufar nervoso dos tambores, o tinir das espadas, os rinchos dos cavallos; e o brilhar dos metaes, as côres vivas de penachos e fardas, as mil bandeiras dos lanceiros, as mil fo-

lhas d'aço scintillante dos cavalleiros, as grandes massas escuras dos batalhões esmaltadas pelo chispar de baionetas, tudo confuso em nuvens de ligeiro pó que o sol nascente dourava; ouvindo-se e logo esmorecendo, vendo-se agora, ora perdendo-se já entre arvoredos, na planura, descendo aos valles, subindo a collina, pelas verdejantes relvas ainda frescas do orvalho da madrugada, matisadas na florescencia brilhante de alegre primavera.

De subito um tiro de peça ao longe, um estremecimento em cada homem; e o mesmo som baço repetiu-se mais vezes: as aves voam fugindo em grandes bandos silenciosos. As grandes massas continuavam a marchar. Os brados de commando saiam agora mais nervosos, os tambores não rufavam com a mesma firmeza, os clarins duvidavam ás vezes, a marcha de guerra parecia cortada de gemidos, os cavallos erguiam as cabeças, fitavam as orelhas, e olhavam inquietos. O sol rompia as neblinas roseo douradas da manhã de abril, mostrava a sua pura magestade, hostia sagrada da vida, e sua luz santa banhava agora os enlevos da natureza e os homens de guerra.

Cavalleiros galopando percorrem os campos levando ordens, batalhões em accelerado procuram as posições determinadas; os esquadrões formam as suas columnas abrigados pelas collinas, ou escondidos pela floresta; as baterias desfilam a galope em grande ruido, arrastadas para os altos: vozes, toques, bra-

dos, motins augmentam na intensidade, na frequencia; a fuzilaria dos atiradores, o crepitar das metralhadoras tornam-se incessantes, o troar do canhão domina tudo; minuto a minuto alastra-se a batalha; umas apoz outras coroam-se as collinas no fumo das baterias; em toda a linha rompe o fogo e nas ambulancias cirurgiões e enfermeiros abrem estojos e preparam apparelhos; por sobre os montes começa a surgir a nuvem do fumo da polvora, e no terreno ainda humido do orvalho da madrugada corre o sangue dos homens.

Um regimento de lanceiros recebeu ordem de formar a pouca distancia de duas baterias na extrema esquerda do exercito. Era n'um terreno lavrado e semeado: uma seara de trigo de brilhante verde matizada de papoulas e malmequeres revestia a terra dividida em sulcos parallelos; perto erguia-se a lombada da collina povoada de denso pinhal. A artilheria não cessava de troar; de vez em quando uma bala inimiga salvava a altura e cortava os ares passando n'um sibilo rispido, ou mergulhando nas copas dos pinheiros arrojava ao solo os ramos como que ceifados por invisivel foice.

Um regimento de lanceiros todo vida e vigor; seiscentos formosos cavallos, seiscentos esbeltos cavalleiros, na grande maioria rapazes de vinte annos, altivos com os seus capacetes, nas vivas cores dos pennachos, brilhando pela scintillação das charla-

teiras, e nas triples fileiras de botões dourados, nas seiscentas bandeiras de alegres côres todas tremulando n'aquella fresca aragem vivificante de manhã de primavera. Tres esquadrões respirando arrojo e vigor, seiscentos cavallos montados por seiscentos esveltos cavalleiros; na juventude, na aurora da vida; uns bellos, pobres, bons rapazes tirados aos casaes, ás officinas, ás familias, tirados á paz, ao trabalho para matar, para morrer. Á frente o coronel, um homem robusto de duras feições, de voz aspera e saccudida, o cabello já grisalho, montando com firmeza o seu cavallo preto e fogoso, a espada suspensa pelo fiador no pulso direito, olhando, ouvindo e fallando com a maior serenidade, impaciente apenas por estar ali parado, atraz do pinhal, parecendo-lhe tardar a hora de correr na frente dos esquadrões, no tropel enorme, na carnagem furiosa. Um homem duro e feito na guerra, affeito ao coriscar sinistro de lanças e espadas, com uma chufa para cada balla que passava assoviando pelas alturas, um sorriso que mal se via sob o bigode farto para qualquer onde visse duvidas ou receios. Erguido, desempenado e elastico sobre a sella, o capacete um pouco inclinado para o lado, o olhar vivo, ora levando o cavallo a passo pela frente dos seus tres esquadrões, ora detendo-se a meio, junto da bandeira já rota nos borborinhos dos combates, sustida na mão branca e tremula do alferes mais novo do regimento, um rapaz alto, delgado e

franzino com um buçosito louro ornando-lhe o labio superior, uns pellos de ouro sobre a boca fresca e vermelha como a de joven mulher.

No valle além das collinas a batalha seguia em crescente furia, o inimigo retirava; pelas estradas proximas vinham carros e macas transportando os feridos para as ambulancias collocadas na rectaguarda, e por cima do pinhal estendia-se agora em denso nimbo pardo a fumaceira da artilheria e fuzilaria. — Parece que se esqueceram de nós — dizia o coronel impaciente pela inacção, enfadado com aquella collina vestida de pinhal que o abrigáva dos projectis, mas lhe escondia o campo da lucta.

Mas em breve augmentou o estrondear dos canhões; ouviram-se uns apoz outros rapidamente muitos estoiros formidaveis, o crepitar das metralhadoras, o ruido aspero e continuo do fogo de atiradores augmentou de intensidade. Era já pelo meio da tarde.

O coronel parou a meio do regimento, na frente dos seus valentes esquadrões, impaciente, attento aos grandes ruidos: então um ajudante de ordens, o cavallo a galope, torneou o canto do pinhal; como grande choque electrico um estremecimento immenso correu no regimento ao vêr-se o ajudante correndo na direcção do coronel.

— O general manda-lhe avançar, o inimigo recebeu reforços consideraveis e attaca-nos a esquerda; temos que retirar um pouco, mas para deter o ini-

migo talvez precise carregar; além do pinhal vae seguindo a estrada n'um declive rapido, depois a planicie onde já chegam os atiradores do inimigo; desaloge-os, dois batalhões seguindo-o occuparão um pinhal ao lado da chapada e os hortejos visinhos, carregue se tanto fôr preciso, e detenha-os para sustentar a ordem da retirada da esquerda — e o ajudante entregou a ordem escripta, e partiu a galope para as baterias.

As notas vibrantes dos clarins rasgaram logo os ares; e os esquadrões partiram a trote, torneando o pinhal, n'uma nuvem de fina poeira. Seiscentos cavallos e seiscentos rapazes cheios de vida, de vigor, de brilho, de impetuosidade; uma serpente eriçada de pontas de lança, cheia de chispas metallicas, de ruidos febris, de côres vivas nos pennachos, nas fardas, nas bandeiras, seguindo a beira do pinhal, pela estrada, colleando pelo dorso da collina, emfim no topo, e á vista agora o tumultuar da batalha, os regimentos batendo-se nos hortejos, defendendo a aldeia e os casaes já incendiados, e as linhas ondulantes dos atiradores correndo, deitando-se, ajoelhando, atirando, retirando, loucos, audazes, tombando uns apoz outros para nunca mais se erguerem e o inimigo a crescer, a tomar ousadia, avançando no plaino, occupando parte dos hortejos, occupando já os soutos de castanheiros, as bouças do pinhal: aqui a ordem, ali a confusão, tudo no ruido, na ira,

no fumo, na colera, na poeira: era além ao extremo do plaino que o coronel devia levar o seu regimento na carga, na furia, n'um raio.

Além estava o inimigo ousado, confiado na victoria, ebrio pela conquista; as suas massas batiam-se no pinhal, nos hortejos, sem reparar nos mortos, sem receiar as ballas; além no meio do tumulto, no horror da peleja um batalhão de engenheiros com seus officiaes trabalhava para sustentar o ponto a todo custo. O seu coronel corria d'um para outro lado sem mesmo dar attenção ás ballas de peça que rugindo saltavam pelo solo recochetando, e levantando nuvens de pó, ou de metralhadoras que varejavam o pinhal n'uma chuva de ferro. Um homem novo ainda com uma physionomia de pensador, fina, a pelle clara e mate o cabello alourado só de leve salpicado de branco.

Um homem de guerra e um homem de sciencia, que sabia como aquelle ponto poderia ser varrido n'uma carga de cavallaria, e como deffendel-o.

Sabia que alguns esquadrões com um official decidido á frente poderia romper de subito na planura aberta e vir ameaçar a rectaguarda das forças já empenhadas nos hortejos e no pinhal proximos, impedindo-lhe a retirada. Quando o general seguido de alguns officiaes de estado maior e dos ajudantes passou em trote rasgado reconhecendo o ponto novamente tomado na avançada ousada do exercito logo

reparara na importancia da posição e ordenára em rapidas palavras que se mantivessem ali, que ali resistissem a quaesquer esforços do inimigo, e que á força das massas se unisse logo o auxilio da sciencia. O coronel aceitou a missão, de relance examinou os recursos, lançou mão á obra e em breve, em meia hora apenas, se passavam metros e metros de arame de tronco a tronco de arvore na beira do pinhal: cem homens fixaram estacas curtas n'uma zona da planicie, outros as ligavam n'uma rêde de arames cruzados, outros talhavam ramos tirando-lhes as folhas, aguçando as extremidades, e formando linhas de baixos abatizes, outros cem abriam covas e com a terra formavam abrigos para os atiradôres, para as multiplas gargantas das brilhantes metralhadoras de aço. O coronel sabia dispôr as cousas, aproveitar os minimos recursos; um homem de sciencia a valer; elle bem sabia o que era uma carga de cavallaria, a massa, a velocidade, a força de tres esquadrões, cousas elementares para elle; seiscentos cavallos e seiscentos homens, oh! se sabia! 300:000 kilos de massa, trezentos metros de frente, com a velocidade maxima de oito metros por segundo.

Um batalhão a marche-marche occupou o pinhal, outro entrou nos hortejos, outro formou na planicie, prompto a reforçar os atiradores: os homens estavam deitados no chão, silenciosos, attentos; embora as linhas de atiradores estivessem muito para a frente,

as ballas passavam assoviando, as metralhadoras varejavam o pinhal; uma chuva de ramos cahia das copas, uns projectados com força, outros tombando em rapidos remoinhos.

Sobre os ruidos crebros dos canhões, sobre o crepitar nervoso das metralhadoras, sobre o estoirar pegado da fuzilaria ouviu-se um grande rugido tumultuoso a crescer, a crescer n'uma grande onda de graves vibrações; viu-se uma nuvem de pó erguendo-se além da matta fronteira, e logo ao lado dos arvoredos uma serpente colleando em veloz carreira, chispando n'um scintillar metallico, ouviram-se os clarins como gritos de ira saidos da multipla fauce d'aquella hydra de horror, viram-se os esquadrões entrando a galope em grande fileira, e então aquella onda de carne e de aço avançou n'um galope louco, em sinistro ferver; ergueu-se uma nuvem de densa poeira; os esquadrões tragavam o espaço, galgavam as brandas curvas da planicie, pareciam absorver os arbustos e os atiradores que se viam fugindo e logo alcançados, esmagados, sumidos na vaga da devastação.

E outra vez soou a voz vibrante dos clarins, os cavalleiros curvaram-se então sobre os pescoços dos cavallos, as lanças enristaram-se á uma, os esquadões pareciam ter-se achatado e n'um galope de furia entraram na aberta planura. No momento soaram as cornetas dos batalhões, os altos brados dos officiaes recommendando uma vez mais as pontarias

baixas, e umas após outras successivas descargas dos pelotões, os tiros repetidos, o crepitar irritante e febril das metralhadoras, varrendo a planura n'uma rede de trajectorias: o solo estremecia, e no fumo, no pó, no immenso ruido tumultuoso os esquadrões já em desordem vieram emmaranhar-se na rêde dos arames; cavalleiros querendo entrar no pinhal cairam dilacerados; uns cavallos tombavam de chofre arremessando os cavalleiros a grande distancia, outros saltavam e detinham-se mas logo tombavam impellidos pelos serrafilas, as metralhadoras desdobravam o seu leque de tiros sobre aquella massa, os batalhões abrigados na matta e nos hortejos empregavam todas as ballas n'aquella agglomeração cahotica de cavallos e homens, de carne e de aço, de lampejos metallicos e de vivissimas cores. Cavallos sem cavalleiros corriam loucos, desvairados, os estribos vasios castigando-lhes os flancos; homens estavam estatelados no chão e ficavam esmagados pelas patas dos cavallos agitando-se na agonia; as ballas continuavam a mergulhar no informe montão estourando craneos, fazendo espirrar grandes jorros de sangue. O coronel, o homem forte jazia varado no solo, livido e macerado, na lama de sangue; o porta-bandeira, aquelle rapaz tão novo e mimoso, que tantas vezes tivera enlevos, esperanças e illusões, estava agora nos cem bicos de um abatiz. A carga fizera recuar e destroçára as linhas de atiradores mas veiu que-

brar-se na rêde dos arames, nas linhas de curtos abatizes; seiscentos homens e seiscentos cavallos vieram morrer na carnagem hedionda: 300:000 kilos de massa, com trezentos metros de frente, com uma velocidade de oito metros por segundo vieram parar ali n'uns centos de metros de arame dispostos em rêde, nos ramos de pinheiro sem folhas.

O sol escondera-se em purpuras vivissimas fimbriadas de fachas douradas; a oriente vinha surgindo ainda vaga a claridade do luar: em sitios projectavam-se no céu altas columnas de fumo dos casaes, das aldeias incendiadas; pombos espavoridos voavam desvairados mas sem ousarem abandonar o sitio dos antigos pombaes. Corvos e abutres em grandes bandos hediondos, n'um ruido de crocitamentos e gritos roucos pairavam sobre os arvoredos esperando as sombras da noite já proxima. Um vapor expesso e quente, levemente amarellado, de cheiro acre e suffocante rasava o solo; em poucas horas se condensaria em perolas de orvalho sobre os grandes rubis do sangue, nas frontes lividas dos cadaveres.

E ao longe, muito ao longe velhos e moços pensavam com melancholia nos ausentes, e communicavam entre si as minimas noticias recebidas. Os velhos, alguns, fallavam de guerras e victorias, com grandes enthusiasmos crueis, e muitos orgulhos de tristes glorias, outros porém esperavam anciosos pelas novas dos seus; e muitos debalde esperavam no-

vas ; e muitos arados ficaram inertes nos sulcos meio abertos, e muitas searas apodreceram na terra pela falta de cegador, e muitos corações ficaram tristes para sempre, para sempre se transformaram em urnas de saudade.

FIM

91-B19210

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 3644

O UNIVERSO ILLUSTRADO

SEMANARIO DE INSTRUCÇÃO E RECREIO

1.º VOL. 1877 E 2.º VOL. 1878

PREÇO DE CADA VOL. BROX. 1$800 RÉIS

Cada volume d'este semanario contém 52 numeros do formato do Archivo Pittoresco, de 8 paginas ou 16 columnas cada um, com duas excellentes gravuras formando cada volume um elegante album com 104 gravuras, encerrando além d'isso uma encyclopedia de artigos variadissimos, de litteratura, artes e sciencias, bem como de leitura amena.

Em publicação o 3.º volume.

Assigna-se para este semanario nas principaes livrarias e no escriptorio da empreza, rua de S. José, 15 — para onde deve ser dirigida toda a correspondencia FRANCA DE PORTE a João de Campos Silva.